

DEPOIMENTO PARA A HISTÓRIA
DA REVOLUÇÃO NO PIAUÍ

Copyright © 1975 by MOYSÉS CASTELLO BRANCO FILHO

Segunda edição em 1975

Revisão de

Aparício Fernandes

Capa de

Salvio Negreiros — Studio Artenova

Reservados todos os direitos. Proibida a reprodução, mesmo parcial,
sem expressa autorização da Editora Artenova S. A.

editora artenova s.a. | 

Composto e impresso no Brasil — Printed in Brazil

Moysés Castello Branco Filho

DEPOIMENTO PARA
A HISTÓRIA DA
REVOLUÇÃO NO PIAUÍ
(PERÍODO 1922 - 1931)

Cód. 20784
981.22
C3482

rua profeta

editora artenova s.a. | 

UFPI

SISTEMA DE BIBLIOTECAS INTEGRADAS



SIGAA

489752003020784

mento Jornalístico
mento gráfico
mento editorial

GOVERNO DO PIAUÍ

ASSESSORIA DE ACOMPANHAMENTO E COMUNICAÇÃO (AGE)

OBRAS PUBLICADAS

Canções de Hoje — Canções de Outrora — Cristina Lette
Tombador (romance) — Fontes Iblapina
Lira Sertaneja (reedição) — Hermínio Castelo Branco — Com estudo do vocabulário sertanejo de A. Tito Filho
Pesquisas para a história do Piauí — 4.ª vol. — Odilon Nunes
Devassamento e conquista do Piauí — Odilon Nunes
O Piauí, seu povoamento e seu desenvolvimento — Odilon Nunes
Epopéia Camoniana — Martins Napoleão
Antologia de Sonetos Piaulenses — Félix Aires
Vila de Jurema (romance) — William Palha Dias
Nas Ribas do Gurguéia (história e folclore) — Artur Passos
Esmaragdo de Freitas, homens e episódios — antologia organizada e comentada por A. Tito Filho
Deus e a Natureza em José Coriolano (reedição) — antologia organizada e comentada por A. Tito Filho
Zito Baptista, o poeta e o prosador — antologia organizada e comentada por A. Tito Filho
Lima Rebelo, o homem e a substância — antologia organizada e comentada por A. Tito Filho
Os Primeiros Currais (história) — Odilon Nunes
Economia e Finanças (Piauí colonial) — Odilon Nunes
Perfis (crítica literária) — J. Miguel de Matos
Antologia Poética Piauiense — J. Miguel de Matos
História da Independência no Piauí — Wilson Brandão
Roteiro do Piauí (2ª edição, atualizada) — Carlos Porto
Cronologia Histórica do Estado do Piauí (2ª edição) — F. A. Pereira da Costa — atualização ortográfica, notas e comentários de A. Tito Filho
Governos do Piauí — A. Tito Filho
A Guerra do Fidél (reedição) — Abdias Neves — Atualização ortográfica, notas e comentários de A. Tito Filho
A Província Deserta (poesia) — H. Dobal
História da Imprensa no Piauí — Celso Pinheiro Filho
Teresina Meu Amor (roteiro histórico, pitoresco e sentimental) 2ª edição — A. Tito Filho
Pesquisas para a História do Piauí — Odilon Nunes — 4 vols. — 2ª edição
Praça Aquidabã, sem número — A. Tito Filho
Soldados de Tiradentes (história) — Celso Pinheiro Filho e Lina Celso Pinheiro
O Piauí na Poesia Popular — Félix Aires
Governos do Piauí — A. Tito Filho — 2ª edição
Cem Anos Depois (crítica) — José Carlos de Santana Cruz e Margarida Lette
Sermões aos Peixes — A. Tito Filho

NO PRELO

Deslumbrado (poesia) — José Newton de Freitas
Sinhazinha de Karnak — Lilizinha Castelo Branco de Carvalho
A Casa de Lucídio Freitas — J. Miguel de Matos
O Piauí no Folclore Nacional — Pedro Silva
Poesias — R. Petit
Passarela de Marmotas (folclore) — Fontes Iblapina

GOVERNO ALBERTO SILVA

Edição promovida pela Assessoria de Acompanhamento e Comunicação do Governo do Estado, órgão coordenado pelo jornalista Armando Madeira Basto.

INTEGRAÇÃO

Com este documento, escrito sob penhor de muita sinceridade, o General Moysés Castello Branco Filho, conterrâneo dos mais ilustres e dignos do apreço da sua gente, desenvolve narração das mais lúcidas a respeito das lutas revolucionárias no Piauí, compreendidas no período de 1922 a 1931, com a louvável intenção de restabelecer verdade, recompondo episódios, definindo gestos e atitudes, fixando dificuldades, retratando paisagens humanas e naturais — e ao cabo de contas entrega ao país um registro de suma importância para integrar o Piauí no ciclo revolucionário brasileiro. De feito, as revoluções promovidas no Brasil participam do **arquipélago** cultural tão bem definido por Viana Moog — e um dos caldos dessa cultura, o Piauí, como as outras **ilhas** culturais, não poderia circunscrever-se a pequenas referências em obras de vária autoria, mas figurar num processo integrativo, da forma que planejou e fez, com o testemunho pessoal e abundante pesquisa, o autor deste **depoimento**, que o meu Governo, com justa alegria, reedita,

na sua forma ampliada, como homenagem à inteligência do General Moysés Castello Branco Filho e contribuição ao desenvolvimento das letras históricas piauienses.

ALBERTO TAVARES SILVA
Governador do Piauí

MÉRITO

Seria exaustivo relacionar todos os episódios de lutas que se têm verificado no Brasil, desde a fase colonial até os dias atuais, cada qual apoiado sobre causas, que os historiadores, no passado como no presente, procuraram revelar e interpretar — e muitos desses episódios ainda se encontram em processo polêmico. A grande Revolução Industrial do princípio do século XIX provocou profundas transformações na sociedade dos homens. De feito, a máquina tornou-se responsável pelo poder industrial, que desorganizou a família, baseou a riqueza das nações no combustível, comercializou o afeto — base da educação — e derribou estruturas seculares.

O Brasil não poderia fugir da sua influência. A abolição da escravidão, e conseqüente adoção do regime republicano, promanou da civilização industrial. Da instituição da República até hoje, o país vive instavelmente, com a queda de homens do poder, se se analisam superficialmente as causas. O período republicano bem atesta a afirmativa. É que o ciclo revolucionário brasilei-

ro ainda não se completou, e só se completará quando os desequilíbrios sociais, a injustiça social, a fome sejam vencidos, com o estabelecimento de processos humanos de vida — a abdicação do inumano pela valorização do homem.

Quantas revoluções brasileiras de 1922 a esta parte? Talvez elas tenham origem próxima na pregação civilista de Rui, com que contagiou os moços, civis e fardados. Do Rui-profeta, que se antecipou a Getúlio Vargas na luta contra a exploração do homem pelo homem.

Ainda se registrarão as causas profundas dos movimentos de 1922, 1924, 1930, 1937, 1945 e 1964. Não foram movimentos de homens em armas, mas movimentos inspirados por cérebros interpretadores da inquietação e da angústia do brasileiro, inconsciente ainda dos direitos e deveres que lhe outorgaram constituições políticas feitas em gabinetes, bem distantes da realidade nacional.

Nesta apreciação não sou movido pela idéia de analisar tais movimentos, nas suas causas remotas e próximas. Cabe-me ressaltar o registro da testemunha e do pesquisador dos fatos que integram as manifestações revolucionárias de 1922 a 1931 no Piauí feito pelo General Moysés Castello Branco Filho, uma das figuras ilustres da terra piauiense, pela dignidade moral, pelo civismo, pela inteligência cultivada, pelo amor ao estudo — professor como raros, matemático acatado, apaixonado da história e dos seus processos de investigação e análise — esta obra bem comprova a operosidade intelectual e os conhecimentos seguros e sérios de que se compõe a personalidade do autor — para lição de história com a verdade que soube testemunhar e documentar e a pesquisa que a busca da verdade lhe atribuiu para comprová-la, em toda a plenitude.

Conciso e preciso como narrador, justo nos conceitos, desprezando pormenores enjoativos, o general Moysés Castello Branco Filho, num estilo simples, linguagem polida e asseada, escreveu livro de contribuição à história do Brasil, para, no meu entender, revelar parte do ciclo revolucionário brasileiro — uma das mais importantes — a que principia em 1922 e que prossegue, depois de desaguar no movimento de 1964, idealista e objetivo, ao contrário dos outros, quase apenas idealistas.

Livro honesto e sério, sobressai nele, de outro lado, a fixação dos caracteres humanos dos que participaram das lutas partidárias no Piauí — cenário de paixões, de choques de personalismos, de prestígio de clãs, — o trabalho de Moysés Castello Branco Filho é contribuição de mérito para que se conheça o processo revolucionário brasileiro.

A. TITO FILHO

À memória de meu tio
DR. FENELON FERREIRA CASTELLO BRANCO,
espírito reto de Juiz

ÍNDICE

Integração	9
Mérito	11
A título de prefácio	19
1 — Origem da Revolução no Piauí, preparação do levante	21
2 — Rumos da Polícia	27
3 — O Assalto ao Quartel do 25.º Batalhão de Ca- çadores	30
4 — O Assalto ao Quartel da Força Militar	38
5 — As prisões	40
6 — O Novo Governo	47
7 — A Participação do Povo	52
8 — Adesão dos Sargentos	57
9 — Rumo à Cadeia Pública	59
10 — Imaginária Contra-Revolução	62
11 — O Valor do Boato	64
12 — Quarenta e dois dias de Prisão	66
13 — Liberdade dos Oficiais do 25.º B.C.	69
14 — Descomissionamento dos Sargentos do 25.º B.C.	71

15 — Liberdade do Ex-Governador	73
16 — Deposição do Interventor Federal no Piauí	75
17 — Mais um Levante no Piauí	82
18 — Antecedentes Históricos da Coluna Prestes	89
19 — A "Coluna Prestes" no Piauí	93
Travessia do Parnaíba Pela Coluna Prestes	104
Bibliografia	113
Publicações Consultadas	115

A TÍTULO DE PREFÁCIO

Nesta 2.^a edição de "Depoimento para a História da Revolução no Piauí", incluí a invasão do Piauí pela "Coluna Prestes" em 1925, que é parte do período revolucionário de 1922 a 1931, no nosso Estado.

No texto não alterei a forma e a sinceridade por que foi escrito por um jovem tenente, alheio aos partidos políticos de sua terra, mas corrijo fatos narrados de memória em 1931.

O Piauí foi o primeiro Estado do Norte no qual a Revolução de 1930 foi vitoriosa, e as tropas piauienses foram enviadas ao Maranhão (interior) e ao Pará (Belém) em missões revolucionárias.

Entretanto, o registro histórico dos acontecimentos é feito em poucas linhas, no livro de Juarez Távora — "Uma Vida e Muitas Lutas".

Os dois novos capítulos — "Antecedentes Históricos da Coluna Prestes" e "A Coluna Prestes no Piauí" — são apresentados no final do livro para não alterar a sua feição original.

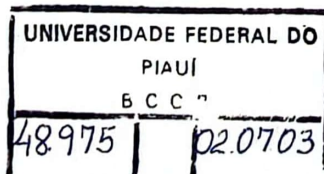
O Autor

"Uma Vida e Muitas Lutas" — Juarez Távora.

"12, — Em Teresina, Piauí:

"No 25.º B.C. apenas um oficial participou da conspiração — o Capitão Joaquim Lemos Cunha, comandante da Companhia destacada para João Pessoa.

"Havia, contudo, vários sargentos e cabos do Batalhão comprometidos no movimento, por intermédio de elementos civis chefiados pelo Desembargador Vaz da Costa. Simpatizava com o movimento o vice-presidente do Estado, Comandante Arêa Leão, que deveria assumir o governo, após o levante do 25.º B.C." (pág. 292).



1

ORIGEM DA REVOLUÇÃO NO PIAUÍ PREPARAÇÃO DO LEVANTE

A Revolução de 1930 procedeu no Piauí, como em todo o Brasil, da campanha eleitoral para eleição do Presidente da República. Não foi uma luta por reformas políticas, senão a disputa do poder.

Os chefes civis foram os mesmos políticos que, no quadriênio anterior, se opuseram aos levantes militares e à "Coluna Prestes".

No Piauí, em 1928, o Marechal Pires Ferreira voltou à chefia do Partido Republicano, amparado por amizade e parentesco com o Presidente Washington Luís, e o Estado passou por profundas modificações nos quadros político e administrativo.

Guiada pelo velho militar, articulou-se no P.R. piauiense a seção — A Dissidência —, em oposição ao Governador Matias Olímpio de Melo que, para eleger o seu substituto, foi forçado a um acordo com a família Pires. Dele surgiram as candidaturas do Dr. João de Deus Pires Leal à governança do Piauí, e do Capitão-Tenente Hum-

berto de Arêa Leão a Vice-Governador (cunhado do Dr. Matias).

A transmissão do poder fez-se a 1.º de julho de 1928. E logo, dois motivos políticos levantaram a Oposição ao novo Governo: um, a hostilização do Governador Pires Leal aos Freitas — família patriarcal —, fazendo eleger Intendente da cidade de Livramento (atual José de Freitas) o Sr. José Batista, farmacêutico local; e outro, as verbas da imprensa do partido do Governo contra o Desembargador Joaquim Vaz da Costa, integrante de um clã unido, resoluto e de ação no sul do Piauí.

Aberta a oposição ao Governador Pires Leal, colocaram-se ao lado do Des. Vaz da Costa o Senador Matias Olímpio, prestigioso político piauiense e amigo da família Freitas; o Dr. Hugo Napoleão, Deputado e membro dessa família que, na Câmara Federal, criticava a administração do Estado; e os jornalistas Adolfo Alencar e Heráclito Sousa, do "Estado do Piauí".

Nos Estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba organizou-se a Aliança Liberal — o partido da Oposição — para o lançamento da chapa liberal Getúlio Vargas — João Pessoa à Presidência e Vice-Presidência da República.

As caravanas políticas da Aliança Liberal — João Neves da Fontoura, Lindolfo Color, Osvaldo Aranha, Assis Brasil, Batista Luzardo, Reis Perdigão e muitos outros — percorreram todo o Brasil e faziam a propaganda eleitoral e a conspiração revolucionária.

No Piauí, estiveram Batista Luzardo, Paulo Duarte e o nosso conterrâneo José Auto de Abreu, que chegaram à capital piauiense após acidentada viagem: de S. Luís a Amarração (hoje Luís Correia) via aérea e de Parnaíba a Teresina de automóvel. A Estrada de Ferro S. Luís-Teresina teve os seus trens paralisados para impedir a ida da

caravana a Teresina (O Piauí na Revolução de 1930 — Martins Napoleão — in jornal "O Piauí", 12-12-1930).

O comício de Teresina realizou-se na Praça João Luís — centro da cidade — e o local foi guarnecido por forte destacamento da polícia montada do Estado.

A Aliança Liberal no Piauí reunia em suas hostes a Oposição chefiada pelo Dr. Matias Olímpio e pelo Vice-Governador Humberto de Arêa Leão; o Partido Democrático de Teresina, sob a direção do Dr. Leão Marinho; e o Des. Vaz da Costa, com um grupo decidido de amigos.

Agravou-se a crise política com a eleição para a Presidência da Assembléia Legislativa do Estado. O Governador Pires Leal, defendendo a candidatura insubstituível do Deputado Pires Neto — seu parente —, abriu cisão no Partido Republicano Piauiense. Divergiram do Governador e retiraram-lhe o apoio político os Senadores Eurípides Aguiar e Antonino Freire.

Os deputados estaduais dissidentes não compareciam às sessões, e a Assembléia não funcionava. Não foi votado o orçamento estadual para o ano financeiro julho de 1930 a julho de 1931.

Na nação ocorriam graves acontecimentos. O Dr. Washington Luís, para garantir a eleição do seu candidato à Presidência da República, promoveu a concentração de forças do Exército nos Estados da Paraíba, Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

A 1.º de março realizaram-se as eleições presidenciais e a vitória foi conferida à chapa oficial Júlio Prestes-Vital Soares.

A conspiração revolucionária não iria mais parar. O Norte ficou confiado ao Capitão Juarez Távora, que chegou ao Recife a 12 de abril, evadido da Fortaleza de Santa Cruz

onde estava preso ("Uma Vida e Muitas Lutas" — Juarez Távora).

Os primeiros documentos de responsabilidade revolucionária do Piauí são uma carta do Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora ao Des. Vaz da Costa, vinda em mãos do Dr. Hugo Napoleão, e outra do Des. Vaz da Costa ao Capitão Juarez Távora, entregue ao Dr. Fernandes Távora em Fortaleza, por portador de confiança (abril de 1930).

O Des. Vaz da Costa, espírito inteligente, destemido e de ação, consagrou-se à preparação revolucionária no Piauí. Residindo em seu sítio do Pontal, próximo de Teresina, empregava as horas de lazer no amanho da terra e na criação do gado.

Ali, protegido pela toga de desembargador, aliciava guerrilheiros entre os trabalhadores e promovia os preparativos do levante.

As confabulações realizavam-se em sua propriedade ou nas residências dos Srs. Matias Olímpio e Comandante Humberto de Arêa Leão.

Eram adeptos da Revolução e assumiram o compromisso de pegar em armas os irmãos Marinho (Leão, Tonico e Nonato). Por intermédio desses senhores, Vaz da Costa conseguiu envolver na conspiração sargentos do 25.º B.C.

Foram convidados para participar do levante os sargentos Waldemar Rocha (irmão do Tenente-Médico Dr. Ademar Rocha, revolucionário de 1924 no Amazonas) e Antônio Ribeiro Madeira Campos, parente chegado dos irmãos Marinho.

Estes sargentos, sabedores do pensamento geral de obediência ao Governo constituído e afastamento da política partidária dos oficiais do batalhão e de seus pares,

difficilmente levaram para o movimento dois outros: Alfeu Rodrigues de Alencar e Benedito Carlos de Azevedo.

Mas os sargentos Alfeu e Waldemar tiveram que seguir para a Paraíba com a 1.ª Companhia — ali destacada para a "intervenção simulada" — e o Des. Vaz da Costa passou a contar no 25.º B.C. apenas com os sargentos Madeira Campos e Azevedo.

Aproveitou-se também o Des. Vaz da Costa da insatisfação da Força Militar com as reformas, demissões e expulsões de oficiais feitas pelo Tenente-Coronel Fernando Vieira Ferreira, Comandante da Polícia (oficial reformado da Brigada Militar do Distrito Federal).

Foram atingidos o Tenente-Coronel Delfino Vaz Pereira de Araújo, Capitães Firmino Farias, Joaquim Fialho e Manuel Arrais, e Tenentes Basílio Silva, Samuel Castelo Branco, Emílio Cunha, Tomás Pedreira, Anfrísio Gomes e Napoleão Teixeira.

Estes oficiais, atraídos para a conspiração pelo Des. Vaz da Costa, estavam em ligação com os companheiros poupados que, há dois meses, não recebiam o soldo (O Tesouro do Estado não pagava com pontualidade os gastos do Governo).

A data marcada para o levante vinha do Sul com oito dias de antecedência: 24 de junho, 28 de julho e 5h30m da tarde de 3 de outubro ("Uma Vida e Muitas Lutas" — Juarez Távora).

A Revolução rebentou em Porto Alegre e Belo Horizonte às 5 horas e meia da tarde de 3; no Recife, João Pessoa e Sousa (Paraíba) na noite deste dia; em Teresina, às 2 horas da madrugada de 4; e nos demais Estados do Norte, entre os dias 5 e 8 ("Uma Vida e Muitas Lutas" — Juarez Távora).

De maio a agosto, o Des. Vaz da Costa manteve na lavoura com despesas de sua bolsa quase 100 trabalha-

lhores (A Confissão do Chinó — Des. Vaz da Costa — In jornal "A Liberdade", 30-5-1932).

Em agosto, por ter sido o levante adiado *sine die* e por falta de recursos financeiros, teve ele que se desfazer daquela gente.

Mas, obtinha na Polícia Civil atestados de boa conduta e os demais documentos necessários ao alistamento militar e, aos poucos, colocava os seus homens no 25.º B.C. e na Brigada do Estado.

Tudo Vaz da Costa preparou em absoluto sigilo, sem nada escapar ao povo bisbilhoteiro de uma pequena cidade do interior (Teresina, 1930).

A capital do Piauí adormeceu tranqüila na noite de 3 para 4 e somente veio a saber o que se passava na fazenda do Pontal ao amanhecer do dia 4 de outubro.

2

RUMOS DA POLÍCIA

Pouco antes do levante de 4 de outubro, ocorreram em Teresina acontecimentos marcantes dos costumes interioranos da capital piauiense no ano de 1930 e da falta de segurança de sua população.

Em agosto, em uma das vezes que a revolução esteve aprazada para explodir, e foram muitas, o ex-Tenente da Polícia Basílio Silva, comprometido na conspiração do Des. Vaz da Costa, deixou escapar algo do que sabia e que seria uma ponta para investigações policiais.

Ele, na praça pública e sem guardar reserva, convidou os circunstantes para participarem do movimento revolucionário, inclusive o investigador conhecido por Corisco.

O fato foi ao conhecimento do Delegado Geral de Polícia — Dr. Sales Lopes —, que mandou proceder às necessárias averiguações e trazer à sua presença o ex-Tenente Basílio, a esta altura foragido no interior, com o auxílio do seu cunhado Juca Trindade (José Benício de Moraes Trindade).

O Juca Trindade, homem vivo e inteligente, conseguiu despistar a Polícia, instruindo as testemunhas para confundirem o nome do acusado com o do Major Pedro Basílio, militar da confiança do Governo.

E as investigações não prosseguiram (...)

* * *

Por outra, a Polícia Civil recebeu carta anônima denunciando que o sargento Pedro Clóvis do 25.º B.C., encarregado da internada do Batalhão, reunia-se no lugar Catarina com 200 homens para um assalto aos quartéis.

De alguma forma, os fatos se passavam, mas na fazenda do Des. Vaz da Costa. As sindicâncias foram mal conduzidas, e nada foi apurado na internada de Catarina, nem o sargento Pedro Clóvis participava da conspiração.

* * *

Corria na cidade a falsa notícia da presença do Capitão Juarez Távora em Teresina.

Um dia, chegava eu a minha residência entre 13 e 14 horas, vindo do quartel para o almoço, e surge-me o soldado Humberto Roque — o Secretário —, como era conhecido, por ser meu ordenança. Vinha de parte do 1.º sargento Bruno Meireles, adjunto do oficial-de-dia, informar-me que um tipo desconhecido havia atirado em um soldado nos terrenos baldios da Estação da Estrada de Ferro São Luís-Teresina (próxima ao quartel), e preso, dizia-se o Capitão Juarez Távora.

Antes de me dirigir para o quartel, distante da cidade, fui transmitir a nova ao Major Pantoja, Comandante do Batalhão.

Seguimos — os dois — para o 25.º B.C., num carro de praça. Ali, mal saltei da viatura, reconheci, por trás da guarda formada, o prisioneiro: um vigia alucinado da estrada de ferro, e desfez-se outro boato.

Tais fatos eram o bate-papo cotidiano de Teresina de então.

3

O ASSALTO AO QUARTEL DO 25º BATALHÃO DE CAÇADORES

Às 2 horas da manhã de 4 de outubro foram assaltados, simultaneamente, os quartéis do 25.º B.C. e da Polícia. O grupo que primeiro conseguisse sublevar uma das corporações, faria executar o toque de "Alvorada!".

O ataque ao quartel da Força Federal foi dirigido pelo Des. Vaz da Costa, coadjuvado pelos irmãos Marinho (Leão e Tonico), os ex-Capitães da Polícia Joaquim Fialho e Manuel Arrais, e 40 homens empregados na sua lavoura, todos armados de revólveres.

A posse foi conseguida em circunstâncias aparentemente estranhas à segurança da unidade.

1 — O isolamento do quartel

O quartel do 25.º B.C. fica situado a 2 quilômetros do centro da capital piauiense, em lugar ermo e mal iluminado (1930).

2 — A falta de oficiais combatentes

Serviam no batalhão quatro oficiais de Arma: Major Raimundo de Oliveira Pantoja — Comandante; 1.º Tenente Moisés Castelo Branco Filho — Subcomandante, 2.º Tenente João Henrique Gaioso e Almendra — Comandante da Companhia de Metralhadoras e da terceira; e 2.º Tenente comissionado Florêncio Isidoro de Freitas — ajudante e Comandante da 2.ª Companhia.

3 — A não permanência do oficial-de-dia no quartel durante as 24 horas de serviço

Apenas os Tenentes Gaioso e Florêncio concorriam à escala de serviço. Nesta emergência, após a revista de recolher (21 horas), o oficial-de-dia retirava-se para sua residência, autorizado pelo Comandante da Região.

4 — A maioria dos soldados era recruta

Em maio, seguira para a Paraíba a 1.ª Companhia comandada pelo Capitão Joaquim de Lemos Cunha — com o efetivo de 166 homens (efetivo normal 106), inclusive praças da 2.ª Companhia que ainda tinha um grupo de combate em Parnaíba para a guarda da Alfândega.

O Batalhão ficou reduzido à Companhia de Metralhadoras — 40 homens —, ao restante da 2.ª Companhia — 15 homens — e ao Pelotão Extranumerário — Banda de Música.

Era época normal de voluntariado — setembro a novembro — e na 2.ª Companhia estavam encostados 90 recrutas e na terceira 100, todos em trajes civis. Foi para os efetivos destas subunidades que o Des. Vaz da Costa alistou os seus homens.

5 — A completa ignorância da oficialidade do 25.º B.C. da Revolução de 3 de outubro

Falava-se na conspiração de militares revolucionários de 1922 e 1924 com políticos da Oposição, mas tantas vezes o movimento tinha sido adiado que ninguém mais acreditava na Revolução.

As informações das autoridades superiores eram tranquilizadoras, mesmo depois de irrompida a Revolução no Sul há mais de 5 horas: “Belém, n.º 50 — 177 palavras — 3-10-1930 — 22h50m — Comandante 25.º Batalhão Caçadores — Teresina — Sem alteração situação ordem todo o país. Entretanto percebe-se desejo desordem espírito certos políticos cujos agentes continuam agir. Sua maior preocupação envolver elementos forças armadas agitação Rio Grande do Sul, têm sido espalhados grande profusão... várias guarnições solicitando praças... obediência ordens. Nenhum resultado obtido até agora parti-diários desordem. Referido Estado, outros lugares, acentuam-se violências imprensa oposicionista contra autoridades militares, deixando ver tais atitudes...”.

Este despacho o cabo-rádio Arruda entregou ao Tenente Florêncio às 8 horas da manhã, quando já estávamos presos no quartel do 25.º B.C.

O Governo temia adesões das guarnições do Norte, mas, mantendo a tropa desinformada, preparava o seu desmoroamento.

Do Ceará ao Amazonas, só se soube o que ocorria nos Estados aliancistas na manhã de 4 de outubro.

Chegara a 3 de outubro, a Teresina, o Dr. Homero Castelo Branco, telegrafista, residente em Fortaleza, que se hospedou comigo. Desejoso de notícias da esposa e filhos, foi à estação telegráfica, e dali falou pelo fio com os colegas daquela cidade.

Às 23 horas estava de volta e palestramos até depois da meia-noite, porém nada me disse do movimento do Sul, porque ignorado em Fortaleza.

No Ceará, teve-se conhecimento do levante ao amanhecer do dia 4, pela ausência da cidade dos tenentes instrutores do Colégio Militar que haviam seguido para Sousa (Paraíba) a fim de sublevar o 23.º B.C. ali destacado.

Em Belém, a primeira notícia foi um telegrama do Dr. Sotero Vaz da Silveira ao Comandante da 8.ª Região Militar, narrando os acontecimentos de Teresina (expedido às 6 horas da manhã de Flores, Maranhão, hoje Timon).

Em S. Luís os informes chegaram por um despacho telegráfico do Governador Revolucionário do Piauí ao Diretor da Estrada de Ferro S. Luís-Teresina, intimando-o a enviar uma composição da capital maranhense à estação de Caxias, para transporte das tropas piauienses de invasão do Maranhão (“O Piauí”, edição de 16-12-1930).

Constou em Teresina que, na noite de 3, o Presidente da República comunicara ao Governador Pires Leal a decretação do estado de sítio em todo o território nacional, mas a versão não foi confirmada.

Um fato político — a prisão do jornalista Heráclito Sousa — dominava a atenção pública e favorecia os conspiradores. Pretextava a Polícia ser o jornalista (redator-gerente do “Estado do Piauí”) responsável por um artigo assinado pelo Des. Vaz da Costa de ataque ao Governador Pires Leal (26-9-1930).

A questão foi levada ao Tribunal de Justiça, pelo advogado Adolfo Alencar, num pedido de habeas-corpus a favor do jornalista e do diretor do jornal (Dr. Álvaro Ferreira).

E, em outro recurso, no dia 3 de outubro, quarta-feira, às 9 horas da manhã, registrou-se no Tribunal da Justiça do Piauí um julgamento inédito: um juiz — Des. Vaz da Costa —, da tribuna da Casa, requeria aos seus pares habeas-corpus para locomover-se livremente pelas ruas da cidade e assinar os artigos de sua autoria, sem responsabilidade do diretor do jornal.

Enquanto a opinião pública estava tomada pelos acontecimentos locais, a ligação entre os revolucionários era perfeita.

Por meio de um código — um telegrama comunicando o embarque de óleo para João de Castro Lima (notícia corrente) —, o Des. Vaz da Costa foi avisado pelo Capitão Juarez Távora que o movimento irromperia nos Estados aliancistas às 5 meia da tarde do dia 3 de outubro.

Lê-se, em "O Piauí", Órgão Oficial dos Poderes do Estado, de 14 de dezembro de 1930: "A 2 de outubro, o Deputado Hugo Napoleão dirigiu ao chefe do Partido o telegrama de aviso.

"O despacho, retido por horas na estação de Teresina, foi parar às mãos do Major R. Pantoja, Comandante do 25.º B.C., e do Sr. Governador, que, demoradamente, procuraram decifrá-lo, buscando para isso, até mesmo, o auxílio de casas comerciais. Baldada a tentativa, foi enfim entregue ao destinatário.

"O Comandante Arêa Leão recebeu idêntica comunicação do General Távora, do Recife, e, por sua vez, o Dr. Leão Marinho, por meio da farmácia de seu irmão, Sr. Antônio da Rocha Marinho.

"Também esse despacho telegráfico não escapou ao controle do Governo, indo a Karnak, onde não viram nele mais do que uma simples remessa de droga farmacêutica" (O Piauí na Revolução de 1930 — Professor Martins Napoleão).

De uma forma ou de outra, o aviso do Capitão Juarez Távora, com a senha para o início do movimento, chegou aos revolucionários de Teresina.

Fez-se, no dia 2, uma reunião preparatória na residência de Matias Olímpio. Do exame da situação no Piauí, onde a Revolução contava apenas com dois sargentos no 25.º B.C., ficou assentado que a vitória só poderia ser pela surpresa. O assalto aos quartéis deveria efetuar-se na madrugada do dia 3, isto é, a Revolução se anteciparia no Piauí.

Certo dos compromissos assumidos, Vaz da Costa recolheu-se à fazenda do Pontal, a fim de preparar seus homens para o desempenho da missão. Mas, entre 19 e 20 horas de 2, o ex-Tenente da Polícia Samuel Castelo Branco foi-lhe prevenir, em nome do Dr. Matias, que o assalto não poderia realizar-se ao alvorecer de 3.

Vendo escapar a oportunidade de êxito, Vaz da Costa retrucou ao tenente que não alterava o plano e atacaria o quartel do 25.º B.C. às 2 horas da manhã.

Pouco depois, voltava o Tenente Samuel para solicitar-lhe uma reunião na residência daquele chefe político.

E, na casa de Matias Olímpio, ante as ponderações que lhe foram feitas, acedeu em transferir o assalto para o dia 4.

* * *

Alta noite de 3, Vaz da Costa saiu de sua fazenda do Pontal pela estrada do Poti, por fora da cidade, para o quartel da Força Federal.

Em caminho, no sereno de um baile de terceira, viu a patrulha da cavalaria da Polícia, mas desviou-se cautelosamente e não teve os passos interrompidos.

Nas proximidades do quartel, a progressão foi protegida pelo muro da Estrada de Ferro S. Luís-Teresina.

E, na estação da Estrada, abandonada e às escuras (os trens não chegavam a Teresina), os atacantes aguardaram a transmissão da senha pelo sargento Madeira Campos, para o assalto à guarda.

Por coincidência, o sargento Madeira Campos estava de ronda externa à guarnição e foi-lhe fácil afastar o sentinela — um recruta — do seu posto (Antônio Ferreira, um dos homens que Vaz da Costa havia introduzido no quartel — “A Liberdade”, de 4-6-1932).

Em seguida, fez o sinal combinado a Vaz da Costa e seus homens, que penetraram no quartel sem nenhuma resistência.

Fazia parte do grupo assaltante o sargento Benedito Carlos de Azevedo que também esperava a senha (“a 1h55m ficamos eu e o Tônico no canto do muro, enquanto Madeira afastava o sentinela”. “Estado do Piauí”, 21-6-1932 — A Revolução no Piauí, Ten. Azevedo).

Auxiliado por estes dois sargentos, os quais já encontrei fardados de segundos-tenentes quando cheguei ao quartel, o Des. Vaz da Costa fez a guarda — desperta com sua presença — entrar em forma e obedecer-lhe o mando.

A guarda para a defesa do quartel era de 18 praças, armadas e municiadas com um cunhete de cartuchos. Mas seu Comandante, 3.º sargento Manuel Borges de Araújo, preferiu aderir à Revolução, enquanto o sargento-adjunto, 1.º sargento César Avelino de Freitas Maza, foi apresentar-se à Enfermaria Regimental (repartição autônoma).

Conseguida a rendição da guarda, Vaz da Costa e aqueles dois sargentos dirigiram-se à 2.ª Companhia, composta de 90 recrutas ainda em trajes civis, e da qual Madeira Campos era sargenteante.

Ali, aos gritos de “Viva a Revolução!” e “Viva a nova República!” meteram aquela gente em forma, obrigando-a a cumprir-lhes as ordens.

O comportamento da 3.ª Companhia — igualmente de recrutas — e do Pelotão Extranumerário (Banda de Música) foi o mesmo.

A Companhia de Metralhadoras, com pequeno efetivo — 40 homens —, nenhuma resistência pôde oferecer, e também aderiu ao movimento revolucionário.

Estava feito o levante do 25.º B.C. e a Revolução vitoriosa, sem derramamento de sangue.

Era pouco mais de 2 horas e no espaço ecoou, sonoro e estridente, um toque de “Alvorada!”, seguido de outros de “Formatura!”.

Da Polícia, porém, não se ouviu a confirmação da vitória. Alguns momentos de inquietação (...) Estabeleceram-se as ligações. É conhecido que na Força Militar o assalto não tivera a mesma sorte.

4

O ASSALTO AO QUARTEL DA FORÇA MILITAR

Coube ao Tenente-Coronel Delfino Vaz Pereira de Araújo, ex-Comandante da Força Militar, executar o assalto ao quartel da Polícia com a ajuda de oficiais reformados e alguns guerrilheiros.

A ação teve início às 2 horas da manhã do dia 4 de outubro.

Os atacantes dividiram-se em dois grupos, para melhor eficiência da ação. (O Piauí na Revolução de 1930 — Prof. Martins Napoleão — jornal "O Piauí", de 12 de dezembro de 1930).

O Tenente-Coronel Delfino Vaz, o Capitão Firmino Farias, o ex-Tenente Basílio Silva e o sargento Deolindo Alves do Nascimento, com oito homens, atacaram a guarda do portão da Rua São José.

Um dos oficiais — o Capitão Firmino Farias — conseguiu afastar o sentinela para o grupo invadir o corpo da guarda. Neste momento, o malgrado Tenente Basílio, moço destemido porém imprudente, penetrou na sala do Estado-Maior onde repousava o oficial-de-dia, Tenente

Alcides Gomes. E, precipitadamente, avançou para o leito do seu camarada, despertando-o aos gritos: "levanta para morrer!".

Acordado bruscamente e vendo à sua frente, em horas avançadas da noite, um oficial que sabia afastado da corporação, o Tenente Alcides, num gesto natural de defesa, disparou um tiro certo no agressor.

Ferido, o Tenente Basílio ainda alvejou duas vezes o oficial-de-dia da Polícia, que foi atingido na coxa e no intestino, mas sobreviveu.

E, porque a morte do Tenente Basílio fora fulminante, os disparos contra o Tenente Alcides Gomes teriam partido de outro assaltante (notícia corrente).

O outro grupo (ex-Tenentes Samuel Castelo Branco, Anfrísio Gomes, Emílio Cunha e sargento Otávio Soares) entrou no quartel pelo portão da frente na Praça Pedro II sem resistência do sentinela.

Às 3 horas os atacantes tinham tomado posse do quartel e ouviu-se o toque de "Alvorada!" na Polícia Militar, em confirmação da vitória da Revolução no Piauí.

O Comandante da Polícia, Major reformado do Exército Benedito Passos de Carvalho, e seus auxiliares imediatos, Majores César de Oliveira e Pedro Basílio, ficaram presos em suas residências sob palavra, e os demais oficiais aderiram à Revolução.

5

AS PRISÕES

O primeiro oficial do 25.º B.C. preso, embora não fizesse parte do plano revolucionário, fui eu porque me dirigi ao quartel do Batalhão.

Aproximadamente às 2h30m de 4 de outubro, fui acordado em minha residência por alguém que batia fortemente à janela. Reconheci ser o estudante do Liceu Piauiense, Demerval Moutinho.

Vinha a pedido do Major Pantoja, Comandante do 25.º B.C., comunicar-me que um grupo, suposto guiado pelo Des. Vaz da Costa, atacava o quartel da Polícia; que tinha sido morto o Major Basílio (era o tenente); estava ferido o Tenente Alcides e preso o Capitão Pierre do Ó (2.º Tenente da Força Militar do Distrito Federal e instrutor da Polícia do Piauí).

Ainda me disse que não conseguira um carro de aluguel para o Major Pantoja transportar-se ao 25.º B.C. Mas, a respeito do Batalhão do Exército, o informante não tinha nenhuma notícia.

O estudante Demerval e o Capitão Pierre moravam perto da Polícia e despertaram com o tiroteio do assalto ao quartel. Então, partiu um para sua corporação e o outro para a casa do Major Pantoja.

Depois daquele relato, fardei-me e saí com Demerval para a Delegacia Fiscal, no centro da cidade, e guardada por praças do Exército.

Descemos a Rua Eliseu Martins — atual Anfrísio Lobão — e, na Praça Rio Branco, afastamo-nos do Posto Central da Polícia.

Dali seguimos pela Praça Rio Branco, ao lado da igreja Nossa Senhora do Amparo, e atravessamos a Praça Marechal Deodoro até à Delegacia Fiscal.

Neste caminho, nada deparamos de estranho, apenas alguns soldados no passeio do edifício da Secretaria da Fazenda, junto do Posto Central da Polícia (ainda vi um vigilante noturno, mas não me dirigi a ele).

Na Delegacia Fiscal, encontrei o sentinela sentado num banco e com a túnica desfeita. Interpelando-o se escutara uns tiros próximos, respondeu-me que sim, mas não sabia do que se tratava.

No corpo da guarda, todos dormiam. Acordei as praças e, metendo-as em forma, mandei que carregassem as armas. A esta ordem, um dos soldados disse-me que o cartucho não entrava na câmara: munição 1895 e fuzil 1908. Neste desacerto fiz a guarda armar as baionetas e pôr-se de alerta.

Não ouvi um só disparo para as bandas da Força Militar e supus que se tratava de um simples atentado à guarda da Polícia, motivado pela exaltação política na capital piauiense com a prisão de jornalista Heráclito Sousa.

Ainda pensei em ir à Enfermaria Regimental, também guarnecida pelo 25.º B.C., mas ficava no outro pólo

da cidade, longe da Delegacia Fiscal e do quartel do Exército.

E, como imaginava o meu batalhão em situação normal, resolvi seguir para o seu quartel com um soldado da guarda, enquanto o estudante Demerval iria à residência do Major Passos, Comandante da Polícia.

Saímos — eu e o ordenança — ele à frente, a cinquenta passos, com o fuzil de baioneta calada.

Subimos a Rua Areolino de Abreu e, já chegando ao quartel, percebi passadas em uma das ruas transversais,

Era o músico do 25.º B.C., Tomás Pedreira, ex-Tenente da Polícia. Informou-me que o Tenente Florêncio — seu vizinho — tinha sido preso em casa pelo Sr. Tônico Marinho e um grupo de homens armados, e que este senhor havia dito que a Revolução acabava de explodir em todo o país e estava deposto o Presidente Washington Luís. Mas, o músico Pedreira nada sabia do 25.º B.C.

Prosseguimos até perto do muro do quartel. Ali pusmo-nos à escuta, atrás de uma casa de palha. Nas redondezas tudo calmo e nenhuma patrulha avançada.

Nesta expectativa de ordem, mandei o soldado ao quartel à procura do sargento-adjunto e vir de volta dizer-me o que lá se passava.

Decorridos poucos minutos — dois ou três — regressava o meu emissário: — “O senhor pode ir, meu Tenente, que não há nada”.

Insisti: — “Está tudo em paz, no batalhão?”

E ele respondeu-me — “Sim, meu Tenente”.

Pensei o movimento restrito à Polícia e tomei com os dois companheiros o rumo da Praça Marechal Floriano, agora sem preocupação de defesa pessoal.

Uma grande surpresa, porém, me aguardava. Ao dobrar a esquina da praça, no canto do muro do quartel,

o Des. Vaz da Costa — a paisano — e o 2.º sargento Benedito Carlos de Azevedo — fardado de tenente — e armados de revólveres, apontaram-me suas armas.

O soldado-mensageiro, ao chegar ao quartel, fora interceptado pelo Des. Vaz da Costa que o fez voltar com o aviso que me transmitiu, seguindo com o sargento Azevedo ao meu encalço.

Dizendo-me o Des. Vaz da Costa que o movimento revolucionário acabava de irromper em toda a nação e que o 25.º B.C. estava sublevado, perguntou-me se queria servir à Revolução.

Escusei-me, declarando-lhe que desconhecia os ideais revolucionários.

Agora, acompanhado pelo Des. Vaz da Costa e sargento Azevedo, cruzei a Praça Floriano e o pátio do quartel, onde vi muitos homens armados e dispersos entre os elegantes pavilhões do 25.º B.C.

Segui até o gabinete do Comando que seria a primeira sala — prisão dos oficiais.

* * *

Por volta das 3h30m chegaram presos ao quartel os Tenentes Domingos Barroso da Costa e Florêncio Isidoro de Freitas.

O Sr. Tônico Marinho, metido num caminhão com homens armados, fora às casas destes oficiais e os intimara a seguirem presos para o 25.º B.C.

Depois deles veio nos fazer companhia o Major Pantoja.

O Comandante do 25.º B.C., não tendo encontrado um carro de praça para transportar-se ao quartel, mandou vir o do Batalhão por um soldado da Delegacia Fiscal.

A ordem foi recebida pelo Des. Vaz da Costa que não deixou de atendê-la, despachando a viatura do Comando.

À entrada do quartel, o Major Pantoja foi detido pelo Des. Vaz da Costa e conduzido à sala de prisão dos oficiais.

Os últimos oficiais aprisionados foram os Tenentes João Henrique Gaioso e Almendra e João Holanda.

Às 6 horas, o Tenente Gaioso dirigiu-se de sua casa para o 25.º B. C.

No quartel seus passos foram retidos pelo Comandante da Guarda, 3.º sargento Manuel Borges de Araújo — fardado de 2.º tenente revolucionário — que o levou ao gabinete do Des. Vaz da Costa, Comandante provisório do Batalhão (Ten-Coronel comissionado).

Ali se encontrou com o Capitão-Tenente Humberto Arêa Leão — Governador Revolucionário do Piauí — que, sabendo-o adversário político do Governador deposto, convidou-o a aderir à Revolução.

Mas o Tenente Gaioso, sem compromisso com os revolucionários, declarou-se solidário com os seus companheiros do 25.º B. C.

Ante este gesto nobre e de sã camaradagem, o Tenente Gaioso foi preso e conduzido à nossa sala.

Às 7 horas, o 2.º Tenente João Holanda apresentou-se espontaneamente para partilhar de nossa sorte.

A todos nós o Des. Vaz de Costa ofereceu confinamento em domicílio, que não aceitamos para evitar uma passividade indesejada e para definição de nossa atitude.

* * *

Ao amanhecer chegaram os civis detidos. Foram recolhidos ao xadrez das praças os senhores: José Sales

Lopes, Secretário da Polícia, Elias de Oliveira, Diretor do "Diário da Tarde", Raimundo Eugênio de Lima, Secretário particular do Governador, e Major Joaquim Ferreira, Assistente Militar.

Ao Sr. Lauro Breves, Delegado do Tesouro Nacional, foi concedida prisão oficial.

Às 6h 30m, foi também introduzido em nossa sala o Dr. João de Deus Pires Leal.

Logo após a posse do quartel da Força Militar — o Tenente Samuel Castelo Branco, o cabo Martinho José Félix, o civil Elias Campos e outros sitiaram a guarda do Palácio de Karnak que se rendeu sem opor resistência, e o Tenente Samuel prendeu o Governador do Estado e conduziu-o ao quartel do 25.º B. C. ("O Piauí", 14-12-1930).

Em suas casas, ficaram confinados sob palavra os senhores: Major reformado do Exército Benedito Passos de Carvalho, Comandante da Força Militar, Majores da mesma Força César de Oliveira e Pedro Basílio ("O Piauí", 15-12-1930); 1.º Tenente farmacêutico Zoroastro Melo e brigada João Martins de Moraes ("A Liberdade", 7-2-1932).

O Major Passos de Carvalho foi preso pelo Tenente Samuel Castelo Branco no Palácio do Governo, quando ali chegou com algumas praças do Posto Central da Polícia para a defesa do Governador (fora avisado do levante pelo estudante Demerval).

No quartel da Força Militar ficou detido o Delegado de Polícia José de Sá.

A 5, ainda foi recolhido ao 2.º B. C. o Dr. Manuel Sotero Vaz da Silveira, Presidente do Conselho Municipal, por ter participado ao Comandante da 8.ª Região Militar, em telegrama do dia anterior, os acontecimentos de Teresina ("O Piauí", 14-11-1930).

ANOTAÇÃO

O Desembargador Joaquim Vaz da Costa era Tenente-Coronel Honorário da Força Militar do Piauí ("O Piauí", 11-12-1930).

6

O NOVO GOVERNO

A última reunião dos revolucionários de Teresina realizou-se às 8 horas da noite de 3 de outubro na residência do Dr. Matias Olímpio, na Avenida Frei Serafim, nela tomando parte os senhores Des. Vaz da Costa, Comandante Humberto de Arêa Leão, Tenente-Coronel Delfino Vaz Pereira de Araújo, Capitães Firmino Farias e José Joaquim Fialho e Tenentes Samuel Castelo Branco e Anfrísio Gomes.

Às 23 h 30m o Dr. Matias Olímpio e o Comandante Humberto deslocaram-se para a fazenda Noivos, à margem direita do Poti. E, preparados com um automóvel equipado para a retirada em caso de fracasso, aguardaram o resultado dos assaltos aos quartéis do 25.º B.C. e da Polícia Militar.

Ao alvorecer do dia 4, vitoriosa a Revolução no Piauí, o Des. Vaz da Costa mandou comunicar o evento nos Noivos.

Por volta das 7 horas, o Comandante Humberto e o Dr. Matias chegaram ao 25.º B.C. em um carro de praça, e ambos em trajes civis.

Do quartel do Exército, o Comandante Humberto dirigiu-se para a casa de sua genitora, na Rua Grande (hoje Álvaro Mendes), de onde tomou as primeiras providências de seu Governo.

À tarde foi distribuído ao povo o Boletim Revolucionário número 1:

"O Governo Revolucionário do Piauí, implantado no Estado obedecendo a um plano geral no País, cumpre nesta hora em que inicia a sua vida administrativa, o dever de se dirigir à população de nossa terra, no sentido de tranquilizá-la.

"A mudança de Governo foi feita às primeira horas da manhã sem maiores danos individuais além da perda de um dos tenentes revolucionários, Basílio Silva, vítima de uma passageira resistência da Guarda da Polícia.

"Tudo mais se fez em completa ordem sem a mínima efusão de sangue o que bem caracteriza a alta compreensão patriótica de nosso Povo.

"Em tais condições, o Governo Revolucionário se sente muito bem afirmando que garantirá plenamente a todos os cidadãos piauienses livres no exercício de sua profissão. Contribuirá, em tudo ao seu alcance, para manter em todo o nosso território a ordem necessária ao seu plano de reconstrução liberal.

"É ainda dever o de se congratular com todos piauienses pela vitória das armas revolucionárias.

"Teresina, 4 de outubro de 1930. Comte. Humberto Arêa Leão".

Às 17 horas 30m realizou-se, no Palácio de Karnak, a posse do Governador Revolucionário, perante grande massa popular ("O Piauí", 7-10-1930).

À noite a Banda de Música da Força Militar executou animada retreta na Praça Rio Branco, para distrair o povo

das preocupações do dia, entretenimento que se repetiu nos dias subseqüentes, das 19 às 21 horas, durante todo o mês de outubro.

Ainda no dia 4, o novo chefe do Governo piauiense nomeou seus auxiliares imediatos: bacharel Adolfo Alencar, Secretário da Polícia e interino do Governo, e Coronel Antônio de Almeida Freitas, Secretário da Fazenda.

Estas nomeações e as demais que se seguiram, todas publicadas no jornal oficial "O Piauí", traziam o preâmbulo: "O Vice-Governador do Estado do Piauí, em exercício do cargo de Governador, usando da faculdade que lhe confere a Constituição do Estado decreta..." (Os decretos continuaram a numeração do Governo deposto).

Os chefes dos executivos municipais — os intendentes — foram substituídos por prefeitos nomeados pelo Governador Revolucionário.

E, nesta mudança, ganhou a Prefeitura de Teresina o Dr. Raimundo de Arêa Leão, irmão do governante, e a de Parnaíba, o Sr. Samuel Santos, seu cunhado.

Em Parnaíba, o Comandante do Destacamento do 25.º B.C., de guarda da Alfândega, 2.º sargento Chassepot de Albuquerque Cavalcante, esboçou uma reação: dispôs os seus homens em posição defensiva na frente da Alfândega e esperou o ataque do Tiro de Guerra e do Destacamento da Polícia vindo da capital.

Elementos mediadores convenceram-no da inutilidade da luta. E, mandado recolher-se ao 25.º B.C. com suas praças, o sargento Chassepot aderiu ali ao movimento revolucionário comissionado em segundo-tenente.

A "Gazeta" do Professor Benedito Lemos, distribuída a 5 de outubro, foi o primeiro jornal da imprensa local que noticiou o levante de Teresina. Limitou-se, porém, a mencionar os nomes dos detidos sem comentários.

Do quartel do Exército, o Comandante Humberto dirigiu-se para a casa de sua genitora, na Rua Grande (hoje Álvaro Mendes), de onde tomou as primeiras providências de seu Governo.

À tarde foi distribuído ao povo o Boletim Revolucionário número 1:

"O Governo Revolucionário do Piauí, implantado no Estado obedecendo a um plano geral no País, cumpre nesta hora em que inicia a sua vida administrativa, o dever de se dirigir à população de nossa terra, no sentido de tranquilizá-la.

"A mudança de Governo foi feita às primeira horas da manhã sem maiores danos individuais além da perda de um dos tenentes revolucionários, Basílio Silva, vítima de uma passageira resistência da Guarda da Polícia.

"Tudo mais se fez em completa ordem sem a mínima efusão de sangue o que bem caracteriza a alta compreensão patriótica de nosso Povo.

"Em tais condições, o Governo Revolucionário se sente muito bem afirmando que garantirá plenamente a todos os cidadãos piauienses livres no exercício de sua profissão. Contribuirá, em tudo ao seu alcance, para manter em todo o nosso território a ordem necessária ao seu plano de reconstrução liberal.

"É ainda dever o de se congratular com todos piauienses pela vitória das armas revolucionárias.

"Teresina, 4 de outubro de 1930. Comte. Humberto Arêa Leão".

Às 17 horas 30m realizou-se, no Palácio de Karnak, a posse do Governador Revolucionário, perante grande massa popular ("O Piauí", 7-10-1930).

À noite a Banda de Música da Força Militar executou animada retreta na Praça Rio Branco, para distrair o povo

das preocupações do dia, entretenimento que se repetiu nos dias subseqüentes, das 19 às 21 horas, durante todo o mês de outubro.

Ainda no dia 4, o novo chefe do Governo piauiense nomeou seus auxiliares imediatos: bacharel Adolfo Alencar, Secretário da Polícia e interino do Governo, e Coronel Antônio de Almeida Freitas, Secretário da Fazenda.

Estas nomeações e as demais que se seguiram, todas publicadas no jornal oficial "O Piauí", traziam o preâmbulo: "O Vice-Governador do Estado do Piauí, em exercício do cargo de Governador, usando da faculdade que lhe confere a Constituição do Estado decreta..." (Os decretos continuaram a numeração do Governo deposto).

Os chefes dos executivos municipais — os intendentes — foram substituídos por prefeitos nomeados pelo Governador Revolucionário.

E, nesta mudança, ganhou a Prefeitura de Teresina o Dr. Raimundo de Arêa Leão, irmão do governante, e a de Parnaíba, o Sr. Samuel Santos, seu cunhado.

Em Parnaíba, o Comandante do Destacamento do 25.º B.C., de guarda da Alfândega, 2.º sargento Chassepot de Albuquerque Cavalcante, esboçou uma reação: dispôs os seus homens em posição defensiva na frente da Alfândega e esperou o ataque do Tiro de Guerra e do Destacamento da Polícia vindo da capital.

Elementos mediadores convenceram-no da inutilidade da luta. E, mandado recolher-se ao 25.º B.C. com suas praças, o sargento Chassepot aderiu ali ao movimento revolucionário comissionado em segundo-tenente.

A "Gazeta" do Professor Benedito Lemos, distribuída a 5 de outubro, foi o primeiro jornal da imprensa local que noticiou o levante de Teresina. Limitou-se, porém, a mencionar os nomes dos detidos sem comentários.

No dia 7 circularam o jornal oficial "O Piauí" e o "Estado do Piauí", órgão da Aliança Liberal de Teresina, com farto noticiário sobre a Revolução em todo o país.

A partir daí, tais periódicos continuaram com suas edições regulares.

O "Estado do Piauí" iniciou uma série de artigos elogiosos — Novos Rumos — à administração Arêa Leão, saída do seio do seu Partido.

As associações de classes, colégios e clubes recreativos congratularam-se com o Governador do Estado pela vitória do movimento revolucionário no Piauí.

Não cessaram os artigos de ataques políticos ao ex-Governador Pires Leal, agora indefeso sem a cobertura do "Diário da Tarde", vespertino do Partido Republicano Piauiense.

Passados os dias da Revolução, Teresina voltou à vida pacata; e o novo Prefeito prosseguiu a pavimentação — pedra e cimento — das ruas centrais, começada na administração anterior.

Muitas nomeações, promoções e demissões foram assinadas pelo Governador Revolucionário nas áreas federal e estadual da administração pública, porém a mais pitoresca foi a de César Rego — estranho à Repartição dos Telégrafos — e investido telegrafista de 4.^a classe.

No magistério secundário, fizeram-se diversas modificações: na cadeira de Álgebra da Escola Normal, o Major Benedito Passos de Carvalho foi substituído pelo Sr. Júlio Fontenele; na de Física do Liceu Piauiense, o engenheiro Pires Chaves pelo cirurgião-dentista Álvaro Ferreira; e na disciplina de Cosmografia, o autor destas memórias pelo farmacêutico Elói Portela.

Os novos professores iriam apenas assumir os cargos e receber os honorários nas férias (novembro a março), que cabiam ao afastados.

Criou-se a Caixa Revolucionária, requisitando-se 200 contos de réis à Agência do Banco do Brasil de Parnaíba e 200 à de Teresina.

Eram pagas por essa Caixa as 1.^a a 2.^a Brigadas da Polícia do Estado, cada uma de três batalhões ("O Piauí", 16-10-1930). Os quadros de oficiais destas corporações improvisadas — sargentos ou civis elevados a postos em comissão — venciam os soldos do Exército.

Ainda pela Caixa foram pagos os gastos da preparação do levante de 4 de outubro ("A Liberdade", 4-6-1932 — A Confissão do Chinó — Des. Vaz da Costa).

ANOTAÇÕES

— "O Piauí", de 14-10-1930:

"Às 23 horas e 30 minutos do dia 3, o Q.G. se deslocou, da residência do Sr. Matias Olímpio, sita à Avenida Frei Serafim, para a casa da fazenda Noivos..." (O Piauí na Revolução de 1930 — Prof. Martins Napoleão).

— "A Liberdade", de 3-1-1932:

"...para os Noivos e lá esperou, com um automóvel de motor aceso, que lhe fossem levar a certeza da vitória" (O Meu Prêmio — Des. Vaz Costa).

— "A Liberdade", de 26-6-1932:

"Quando às sete horas de 4 de outubro voltou dos Noivos e se apresentou no Quartel do 25.^o B.C., o Comandante Humberto..." (O Chinó Fardado — Des. Vaz da Costa).

A PARTICIPAÇÃO DO POVO

Em Teresina, o amanhecer do dia 4 de outubro foi de grande surpresa e agitação popular.

Entre a descrença de uns e a alegria incontida de outros, correu célere a notícia da deposição do Governador Pires Leal e da vitória da Revolução nos quartéis.

A cidade apresentava um aspecto curioso no meio da azáfama geral e do rodar dos caminhões cheios de soldados.

Enquanto os grupos se moviam de um canto para outro, em busca de "novas" animadoras, o Intendente Domingos Monteiro, obreiro perseverante e infatigável, mantinha suas turmas de calceteiros da capital piauiense na faina diária, como se lhe não fosse infensa a grande transformação política que se operava no Governo do Estado.

O convite, que lhe foi feito pelo Governador Revolucionário, para continuar à frente da municipalidade teresinense, era de niole a impor-lhe a recusa na permanência do mandato que o povo lhe havia confiado e que vinha desempenhando a contento de todos. Mais de uma

vez, o "Estado do Piauí" teceu hosiannas à sua honesta e laboriosa administração.

Exigia-se do Major Domingos Monteiro que a execução das obras municipais e a gestão dos dinheiros da Intendência ficassem pendentes de aprovação do Governador, e a demissão de muitos de seus auxiliares.

Rejeitou o convite feito por simples cortesia ao conceito público que lhe endossava o "Estado do Piauí": político, não quis abdicar os credos partidários, e administrador, era-lhe vexatório afastar os colaboradores do dia-a-dia.

* * *

As manifestações populares foram sem figuração no dia 4 de outubro. Da Praça Rio Branco — coração da cidade — saiu uma caravana de estudantes, liderada pelo preparatoriano José Olímpio (filho de Matias Olímpio), ou outro estudante para solidarizar-se com o movimento revolucionário.

No quartel da Força Militar, o jovem líder pronunciou uma breve saudação aos soldados da Polícia.

No 25.º B.C., o Des. Vaz da Costa permitiu a entrada livre dos manifestantes no quartel, porém recusou a oratória alegando que o momento não era de discursos.

Ouviram-se brados de "Viva o Des. Vaz da Costa!" e "viva o 25.º B.C.!", e dali a passeata se dispersou.

* * *

Afluíram muitos visitantes ao 25.º B.C. para apresentar congratulações ao Des. Vaz da Costa pela vitória das armas revolucionárias. Entre eles, um conhecido orador popular, amigo do Governador deposto, para dizer turbulento que o Piauí não podia continuar governado por Joca

Pires e a oligarquia dos Pires, mas o Des. Vaz da Costa repudiou o maldizente, afastando-o do quartel.

E, ironia do destino, o Dr. Pires Leal, do compartimento onde estava detido, foi testemunha destas manifestações.

* * *

O Piauí mobilizou mais de dois mil homens para a Revolução de outubro.

Foram organizadas duas Brigadas de Infantaria: a primeira pelo 25.º B.C. e dois outros batalhões improvisados, e a segunda pela Brigada Militar do Estado, também de três batalhões.

Toda essa força era formada de homens da lavoura e do campo, a maior parte à paisana e descalça. Um que outro rapaz da cidade apresentou-se para o alistamento e, quando o fazia, era promovido a sargento. Mas a revolta era própria do povo piauiense que ansiava pela renovação dos costumes políticos da Nação e do Estado.

A 5 de outubro partiu de Teresina uma companhia da Força Militar, comandada pelo Tenente Júlio de Arêa Leão, para reunir-se aos revolucionários maranhenses.

Esta companhia invadiu o Maranhão pela Estrada de Ferro São Luís—Teresina, incorporando à Revolução algumas cidades do Estado vizinho, antes da vitória de 8 de outubro na capital maranhense.

A tropa do 25.º B.C. ficou muito dispersa. Na Paraíba, uma companhia comandada pelo Capitão Joaquim de Lemos Cunha, com o efetivo de 166 praças; em Belém do Pará, três companhias de fuzileiros, uma de metralhadoras e o pelotão extranumerário (Banda de Música) sob o comando do sargento Azevedo, comissionado em tenente-coronel, e fiscalizado pelo sargento Bruno Meireles como major; em S. Raimundo Nonato (sul do Piauí) uma companhia comandada pelo sargento Madeira Campos,

graduado em capitão; e em Teresina, uma outra pelo sargento Abreu e Lima, em segundo-tenente.

O Estado Maior das Forças Revolucionárias era chefiado pelo Capitão Marcos de Farias Bangoim (1.º Tenente reformado do Exército e promovido a capitão para a Brigada Policial) e tinha como tesoureiro-pagador o 1.º Tenente Castro Lima (1.º Tenente reformado da Polícia do Distrito Federal). Nos dias 5 e 6 de outubro, o Estado-Maior revolucionário ficou instalado no Palácio de Karnak. A 7, foi transferido para o quartel do 25.º B.C., mas a 22 de novembro voltou para o Palácio do Governo por motivo de desentendimento entre o Capitão Bangoim e o Tenente Azevedo.

Um pequeno destacamento da Polícia fazia a escolta do Q.G. das Forças Revolucionárias do Piauí.

O Boletim diário do Comando das Forças Revolucionárias era assinado pelo chefe do Estado-Maior e conferido pelo Capitão da Polícia Samuel Castelo Branco, Assis-tente Militar do Governador, e publicado no jornal "O Piauí".

Nenhum destes boletins recebeu a assinatura do Comandante Humberto de Arêa Leão.

A 11 de outubro, o 25.º B.C. seguiu de Teresina pela Estrada de Ferro S. Luís—Teresina com destino ao Pará, para incorporar-se às Forças Expedicionárias do extremo-Norte, confiadas ao 1.º Tenente do Exército Landri Sales Gonçalves, porém somente a 24 embarcou em S. Luís rumo àquele Estado.

O sargento Azevedo deixou Teresina no posto de capitão, mas de Turiaçu (Maranhão) assinava telegrama de informações como tenente-coronel, e o sargento Bruno Meireles (1.º Tenente comissionado) de Belém dava notícias à família, no posto de major subcomandante do batalhão ("O Piauí", de 27-11-1930).

Não houve um ato declaratório do Comandante Humberto de Arêa Leão de assunção do Comando das Forças Revolucionárias do Piauí.

ANOTAÇÕES

"O Piauí", de 7-10-1930 (Decreto 1.103, de 6):

"Art. 1 — A fim de atender as medidas de defesa do Estado, vigilância e policiamento em todo o seu território e fora dele, fica criada, em caráter provisório, a Brigada Militar do Estado."

"O Piauí", de 16-10-1930:

"O Governo Revolucionário do Piauí, ocupada a Estação Senador Furtado, em Flores, fez seguir o primeiro contingente da Força Pública, que levava a missão de submeter as localidades maranhenses e reconstruir a via férrea. Essa expedição era comandada pelo Capitão Joaquim Fialho, que alcançou Caxias, em caminhão, com seus soldados "foi aparelhado um dos seus batalhões, que teve a incumbência de continuar o avanço sobre S. Luís (3.º Btl), comandado pelo Capitão Miguel de Arêa Leão, ele seguiu pela Estrada de Ferro, reconstruindo-a nos pontos danificados e ocupando as localidades à margem da linha, entre as quais as cidades de Coroatá, Codó e Rosário. Outras, na direção do vale do Mearim, foram igualmente ocupadas pelas nossas Forças, como Pedreira, Bacabal e S. Luís Gonzaga, com o fim de abreviar a necessária rendição de São Luís..." (O Piauí na Revolução de 1930 — Prof. Martins Napoleão).

8

ADESÃO DOS SARGENTOS

Apenas dois sargentos — Madeira Campos e Benedito Azevedo — participaram da conspiração para o assalto à guarda do 25.º B.C., e ajudaram o grupo a tomar posse do quartel, na madrugada de 4 de outubro.

O 3.º sargento Manuel Borges de Araújo, Comandante da Guarda, surpreendido no posto, aderiu aos assaltantes, enquanto o 1.º sargento César Maza, adjunto do oficial-de-dia, apresentou-se na Enfermaria Regimental.

Quase todos os outros sargentos recolheram-se na manhã de 4 àquele aprisco de legalidade, preservado pelos revolucionários.

O 1.º Tenente-Médico Dr. Raul Barata, Diretor do nosocômio militar, no dia 5 foi chamado ao quartel do 25.º B.C. para socorrer um soldado acidentado no Porenqueto, e a 9 era comissionado no posto de capitão pelo Des. Vaz da Costa, Comandante do Batalhão Revolucionário.

No dia do levante somente dois sargentos foram presos e recolhidos ao xadrez das praças: 1.º sargento Bruno

Jansen Nogueira de Meireles, sargenteante da 3.^a Companhia, e o 1.^o sargento Nogueira de Holanda; porém à tarde eram soltos.

No dia 5 quase todos os sargentos declararam-se solidários com a Revolução e foram promovidos a segundos-tenentes. Não aceitaram a promoção os sargentos-ajudantes João Martins de Moraes e João Tomás de Oliveira, e o terceiro-sargento Arnaldo de Castro.

O sargento-ajudante João Martins de Moraes, embora insistentemente convidado pelo Des. Vaz da Costa e pelo Dr. Raul Barata para voltar ao quartel como segundo-tenente, ficou irredutível na sua decisão de fidelidade ao Comandante do 25.^o B.C.

Apesar da recusa, o brigada Moraes, que tinha grande ascendência moral sobre os seus pares, foi promovido a segundo-tenente pelo Des. Vaz da Costa. Mas, a seu pedido, retificou-se o boletim das promoções com exclusão do seu nome.

Este dedicado e leal auxiliar considerou-se detido em sua residência, desde 4 de outubro até à libertação dos oficiais presos em Karnak.

A 3 de novembro, o Comandante Humberto confirmou no Diário Oficial do Estado ("O Piauí") as promoções dos sargentos do 25.^o B.C., feitas pelo Des. Vaz da Costa em boletim interno do Batalhão.

Também foram graduados, como oficiais do Exército, os civis Manuel Arrais, no posto de capitão, e Abimael Soares da Rocha e Tônico Marinho, em primeiros-tenentes.

E "O Piauí", de 4 de novembro, ainda traz a promoção do sargento-ajudante Artur Brás da Cruz e Silva a segundo-tenente por relevantes serviços à Revolução (auxiliar da Tesouraria da Enfermaria Regimental).

9

RUMO À CADEIA PÚBLICA

Gozamos relativa liberdade de locomoção, enquanto detidos no gabinete do Comando do 25.^o B.C.

O Major Pantoja e o Tenente Barroso tiveram autorização do Des. Vaz da Costa para usar o carro do Batalhão e ir às suas residências, e o Tenente Gaioso para tratar de interesses particulares no Matadouro Municipal.

Mas, no regresso do Major Pantoja, foi-me negado permissão para visitar minha família porque íamos ser transferidos de prisão para o Estado-Maior da Penitenciária.

A transformação da Cadeia Pública — enxovia sem conforto e higiene — em penitenciária com estado-maior para prisão de oficiais do Exército seria a primeira criação do Governo Revolucionário do Piauí.

O emissário da ordem era o sargento Azevedo, mas o Des. Vaz da Costa escusou-se de assinar o ofício de nossa apresentação ao Diretor da Penitenciária e pediu o timbre da autoridade mandante.

Pouco depois, o sargento Azevedo, seguido de um pelotão de baioneta calada, chegava à nossa sala e, lendo

um ofício, intimou-nos e ao Dr. Pires Leal a acompanhá-lo à Cadeia Pública.

Finda a leitura, o ex-Governador solicitou a presença do Des. Vaz da Costa que, estando na sala em frente, veio ao seu encontro.

Então, o Dr. Pires Leal viu-se diante do desembargador do Tribunal de Justiça do Estado e dirigiu-lhe a palavra: "Apelando para o sentimento jurídico de V. Exa., protesto contra a provação a que se pretende submeter-me, que representa antes uma humilhação ao próprio Estado do Piauí, cuja primeira magistratura exerci até poucos instantes".

E, representando o pensamento dos meus camaradas, disse: "É estranho, Des. Vaz da Costa, que V. Exa., há poucos dias, reclamasse no Tribunal de Justiça do Estado contra o recolhimento do jornalista Heráclito Sousa ao Posto Central da Polícia, e concorde que oficiais do Exército Nacional sejam metidos numa masmorra com criminosos comuns."

Porque assim citado, o Des. Vaz da Costa declarou-nos que não concordava com a ordem, porém, no momento, era soldado da Revolução e devia cumpri-la.

Feito o nosso protesto, descemos as escadarias do 25.º B.C. escoltados pelo pelotão do sargento Azevedo e já havíamos ocupado os autos que nos esperavam, quando o Des. Vaz da Costa — movido por elevado espírito de justiça, e observando o descontentamento dos civis postados em frente do quartel, resolveu interferir.

Então, dirigindo-se ao sargento Azevedo, disse-lhe que estava suspensa a execução da ordem, enquanto ele iria fazer ponderação ao Governador.

Acompanharam-no vários civis, inclusive o meu cunhado, Dr. Godofredo Carvalho, e o meu tio, Dr. Homero Castelo Branco.

A repulsa atingiu também os revolucionários e, entre eles, o sargento Madeira Campos (declaração feita ao Tenente João Holanda).

Passada uma hora, estavam de volta o Des. Vaz da Costa e os meus parentes.

O Comandante Humberto não modificara sua decisão, objetando que o nosso afastamento do quartel era uma exigência dos sargentos revolucionários do 25.º B.C.

Mas nisto se viu, às carreiras, o Sr. Luís Almendra. Vinha de Karnak e trazia a nova: o Governador Revolucionário cogitava de dar-nos tratamento mais condigno. Então, aguardamos nos carros a confirmação do informe do Sr. Almendra.

Meia hora de espera e chegava a contra-ordem: os oficiais seguiriam para o Palácio do Governo e os civis ficariam no quartel do 25.º B.C.

Aproximadamente às 9 horas de 4 de outubro, acompanhados do Dr. Vaz da Costa, chegávamos ao Palácio de Karnak.

O Tenente Gaioso foi-nos fazer companhia às 14 horas. Do Matadouro Municipal, seguiu para sua residência, e à tarde foi à casa do Comandante Humberto, na Rua Grande. Ali, declarou-lhe que, se lhe era dado escolher, desejava compartilhar a sorte dos seus companheiros.

Bom camarada este que, usufruindo certa preferência dos revolucionários, sempre optou pela nossa companhia.

IMAGINÁRIA CONTRA-REVOLUÇÃO

Na manhã de 4 de outubro, apresentaram-se à Enfermaria Regimental quase todos os sargentos do 25.º B. C. e alguns soldados que conseguiram escapar à vigilância dos revolucionários depois de armados e municiados no quartel.

Quando ali chegavam, o 1.º Tenente farmacêutico Zoroastro Melo fazia-os depor as armas e munições em uma sala.

Logo se espalhou pela cidade que o Tenente Zoroastro montava uma contra-revolução na Enfermaria com sargentos e praças do Exército.

A notícia foi ter ao Comando Revolucionário do 25.º B. C. que despachou um caminhão e homens armados, sob as ordens do 3.º sargento Pedro Clóvis, para aprisionar o Tenente Zoroastro.

O sargento Pedro Clóvis chegou à Enfermaria entre 8 e 9 horas e com os seus homens envolveu o Tenente Zoroastro, que estava sentado na frente da repartição, e deu-lhe voz de prisão.

Percebendo a gravidade da situação, o Tenente Zoroastro conformou-se em seguir para o 25.º B. C. No quartel, ele desfez a balela e voltou para sua residência, preso sob palavra.

O Tenente Zoroastro esteve comprometido em outros movimentos revolucionários, mas em 1930 não participou das conspirações e manteve-se afastado da Revolução.

O VALOR DO BOATO

No dia 7 de outubro, a Imprensa Oficial do Estado anunciava o levante das tropas do Exército no Rio de Janeiro e a deposição do Presidente Washington Luís (telegrama de Fortaleza).

E, no mesmo dia, o Governador Revolucionário do Piauí comemorou a auspiciosa notícia com uma grande parada militar.

As duas Brigadas de Infantaria — 25.º B.C. e Polícia Militar —, com suas fanfarras, percorreram as ruas da cidade, e os fogos de artifício do Bangoim — foguetes e bombas de S. João — deram expansão à alegria popular (Teresina, 1930).

À tarde, novos informes: o Presidente Washington Luís mobilizava o Exército e a mocidade estudantil para enfrentar as forças revolucionárias.

Então, o Governo do Piauí tornou-se cauteloso nos festejos oficiais.

Os comunicados da formação da Junta Militar no Rio — General Augusto Tasso Fragoso, Chefe do Estado-Maior

do Exército; General João de Deus Mena Barreto, Comandante da 1.ª Região Militar; e Almirante Isaías de Noronha, Ministro da Marinha; e da prisão no dia 24 de outubro do Presidente Washington Luís no Forte de Copacabana, varreram o Brasil pelo rádio de Norte a Sul, e foram conhecidas em Teresina entre as 9 e 10 horas da manhã, mas o Governo do Estado só à tarde fez distribuir o Boletim Oficial e afixar o placar informativo de "O Piauí". E, em regozijo pela pacificação da família brasileira, somente a 8 de novembro as Forças Revolucionárias do Piauí desfilaram na cidade, após missa em ação de graças celebrada na igreja do N. S. do Amparo por Monsenhor Fernando Lopes.

12

QUARENTA E DOIS DIAS DE PRISÃO

Em Karnak, ninguém nos esperava. O Palácio estava vazio — salas de despachos e dependências de residência do governante.

Às 9 horas do dia 4 de outubro, o Des. Vaz da Costa — nosso acompanhante — deixou-nos ali assim como donos. Ainda pela manhã, recebemos visitas de familiares e de amigos.

Mas estas regalias duraram pouco; às 12 horas fomos avisados pelo Sr. Antônio Neves — inventariante dos objetos deixados pelos ex-ocupantes — que nos estava destinada apenas a casa de moradia.

Ficaram ao nosso serviço o antigo mordomo e o Sêrgio, empregado particular do novo Governador.

À tarde assistíamos — do outro lado de Karnak — à posse do Comandante Humberto no Governo do Estado.

No dia 4, as refeições vieram do Bar Carvalho a mando do Governo, mas a partir do dia seguinte as marmittas foram preparadas por nossas famílias.

No dia 5 — depois de uma entrevista do sargento Azevedo com o Governador — passamos a prisioneiros incomunicáveis, porém a 9 voltaram as visitas no horário das 8 às 11 horas.

A segurança do Palácio cumpunha-se de uma sentinela fixa no portão de entrada e doze móveis em volta do parque (7 externas e 5 internas).

O Comandante da Guarda era um oficial da Polícia e os vigilantes paisanos, armados de fuzil com faca à cintura e lenço vermelho no pescoço, salvo o soldado — sentinela do portão. Mas esta gente nunca nos desrespeitou e até prestou pequenos serviços.

E, apesar de cuidadoso isolamento e do exame das marmittas no corpo da Guarda, mantínhamos ligação com os amigos de fora. Os bilhetes vinham escondidos numa garrafa térmica, entre o estojo de metal e o vidro.

Recebíamos informações pelo rádio e contávamos eventualmente com elementos do 25.º B.C., decididos a agir a nosso favor.

* * *

Na nossa estada no Palácio do Governo, servimo-nos de suas famosas baixelas e usufruímos o tradicional parque da velha mansão dos Barões de Castelo Branco. Todas as manhãs colhíamos deliciosos caju, mangas, bacuparis e sapotis.

Em conforto e instalações, o Palácio de Karnak era uma vergonha para o Estado do Piauí: salas e aposentos acabanados e sem forro, paredes singelas e serventias antiquadas. Recorriamos, para o banho frio e outras necessidades, às bicas do pátio, disfarçadas sob as árvores frondosas.

Passadas as horas de visitas — as mais alegres de nossos dias de prisão — distraíamo-nos discutindo por

tudo ou nada, jogando cartas e vintém e prendas dos bons tempos de cadete.

Nos brincos, o Gaioso — o único solteiro — esforçava-se para perder mil réis numa noite com o despendimento de milionário.

Nas discussões, sustentávamos os pontos de vista mais absurdos; e o essencial era o motivo para a conversa. Por um simples “peor” ou “pior”, o João Holanda citava exemplos da gramática elementar de João Ribeiro e eu exibia “A Vida de Joaquim Nabuco” por Carolina Nabuco.

Até “amiguíssimo” um de nós defendeu como legítimo vernáculo. E outro jurava que, para pimenta nos olhos, não há como alisar o paciente com o cabelo perfumado de uma bela mulher.

Entre 4 e 24 de outubro, formulávamos as mais disparatadas hipóteses sobre os acontecimentos revolucionários no país: alguém afirmava que o Rio Grande do Sul estava firme e que o levante era restrito ao Piauí; outrem acreditava no julgamento do Tribunal de Patos e no nosso fuzilamento na Linha de Tiro do 25.º B.C.

A princípio os debates eram mantidos com apostas que, por nunca terem sido satisfeitas pelos vencidos, foram proibidas em resolução conjunta.

Nos últimos dias de hóspedes de Karnak, foi-nos cedido pelo Sr. Samuel Castelo Branco a vitrola da residência governamental. E as nossas refeições passaram a ser mais alegres.

Algumas vezes, o João Holanda bancava o crédulo para nos distrair, e após o almoço, ao meio-dia, no repicar dos sinos de São Benedito, de joelhos, atirava pragas aos nossos algozes, enquanto esperávamos o café do Sérgio.

LIBERDADE DOS OFICIAIS DO 25º B.C.

A 24 de outubro — deposto o Presidente Washington Luís — esperamos ser libertados com a ajuda do Bispo do Piauí, porém o Governador Revolucionário excusou-se aos rogos de Dom Severino, alegando que a providência cabia ao Comandante da 7.ª Região Militar.

A 3 de novembro — nova data da Revolução — o Dr. Getúlio Vargas assumiu a Presidência da República pela vontade do povo e das Forças Armadas, mas nós permanecíamos em Karnak.

Então, no dia 5, eu e o Tenente Gaioso solicitamos uma entrevista com o Governador, por delegação dos companheiros.

Fomos recebidos às 11 horas. Expus ao Comandante Humberto que a nossa atitude fora tomada no cumprimento do dever, porém soldados da nação e estranhos à política, estávamos ali para prestar obediência militar ao Governo constituído.

Disse-nos o Governador que o Comandante da 7.ª Região Militar havia determinado a libertação dos oficiais que aderissem à Revolução e o confinamento em casa aos re-

calcitrantes, e que aguardava resposta a uma consulta sobre o destino destes oficiais para dar cumprimento à ordem.

Neste instante, o Tenente Gaioso protestou que continuássemos presos após esta ordem, e retiramo-nos.

O Capitão Jacob Gaioso e Almendra (irmão do Tenente Gaioso) também telegrafara ao Comandante da 7.ª Região Militar informando nossa conduta nos acontecimentos de Teresina e pedindo nossa liberdade para congratamento da família piauiense.

A 10 de novembro, dirigimo-nos ao Comandante da 7.ª R.M.: "Comunico-vos que a cinco corrente, perante Comandante Humberto, Governador Piauí, protestamos obediência militar Governo Dr. Getúlio Dorneles Vargas, representante de fato e de direito vontade Nação, pelo que solicitamos nossa liberdade. Assinados: Major Pantoja, Tenentes Moisés, Barroso, Barroso, Gaioso, Florêncio e Holanda".

No mesmo dia, telegrafamos ao Capitão Juarez Távora, em São Luís: "Solidários novo Governo República, representante vontade Nação, solicitamos nossa liberdade".

O Governador Revolucionário somente nos pôs livres a 15 de novembro, depois de seu encontro e do Des. Vaz da Costa com o Capitão Juarez Távora em Parnaíba.

A almejada ordem foi-nos transmitida pelo Sr. Adolfo Alencar, Secretário da Polícia, com 30 dias de trânsito para apresentação no Ministério da Guerra no Rio de Janeiro.

Pedimos ao Comandante Humberto para prestar contas das despesas do Conselho Administrativo do 25.º B.C. no mês de setembro e de 1 a 3 de outubro, e a designação de um oficial superior do Exército para representá-lo.

A reunião realizou-se a 26 de novembro com a presença do Coronel Antônio da Costa Araújo Filho como delegado do Governador e as contas apresentadas pelas fornecedoras foram aprovadas e transcritas no livro de Atas para processamento pelo 25.º B.C.

14

DESCOMISSIONAMENTO DOS SARGENTOS DO 25º B.C.

Instituído o Governo Provisório, o país voltava à normalidade administrativa, e a 10 de novembro o Ministro da Guerra mandou licenciar os civis alçados a postos do Exército durante a Revolução.

No 25.º B.C. foram dispensados os Primeiros-Tenentes graduados Antônio da Rocha Marinho e Abimael Soares da Rocha, e o Capitão graduado Manuel Arrais.

A 21 de novembro, a ordem foi estendida aos sargentos agaloados em massa. Continuariam comissionados somente os sargentos participantes das conspirações revolucionárias, os demais retornariam às graduações anteriores à Revolução.

No 25.º B.C. seriam beneficiados apenas os sargentos Antônio Madeira Campos e Benedito Azevedo.

A maioria dos sargentos, inconformada em perder os galões, recorreu ao Desembargador Vaz da Costa que apelou para o Capitão Juarez Távora pelo comissionamento sem o soldo do posto.

E, como o Des. Vaz da Costa estava rompido com o Comandante Humberto, desde o dia 9 de outubro, cons-

tou que ele preparava no Pontal a deposição do Governador com os sargentos do 25.º B.C.

O Secretário da Polícia, Dr. Adolfo Alencar, foi encarregado de um inquérito policial sobre os acontecimentos do Pontal, mas nada conseguiu apurar a respeito do assunto.

A ordem de descomissionamento dos sargentos só foi cumprida pelo Capitão Joaquim de Lemos Cunha, quando regressou da Paraíba com a 1.ª Companhia ali destacada e assumiu o Comando do 25.º B.C. Mas ele estava fortalecido da necessidade da medida porque também ficara sem os galões de tenente-coronel.

15

LIBERDADE DO EX-GOVERNADOR

A 21 de novembro, o ex-Governador Pires Leal e os Srs. Elias de Oliveira, Lauro Breves e José Sales Lopes eram os únicos civis presos no Quartel do 25.º B.C.

Há dias tinha sido libertados o Dr. Manuel Sotero, Presidente do Conselho Municipal, a pedido da Loja Maçônica de Teresina; o Dr. Eugênio de Lima, Secretário do ex-Governador, por interferência de amigos; e fora encaminhado à Polícia Civil o Major Joaquim Ferreira, para ter o destino conveniente (Diário Oficial do Estado).

Mas, porque se espalhou pela cidade que o Des. Vaz da Costa preparava no Pontal a deposição do Governador, o sargento Azevedo — Comandante do 25.º B.C. — adotou recomendações especiais para a vigilância dos presos civis.

E, no dia 22, o Capitão Bangoim — Chefe do Estado-Maior Revolucionário —, ao se dirigir para sua repartição no quartel da Força Federal, foi impedido pelo sentinela de se aproximar da sala dos prisioneiros.

Não ficou nisto o desaviso. Num encontro, os dois discutiram acaloradamente na presença de praças.

Depois do incidente, o Quartel-General Revolucionário foi removido para o Palácio de Karnak, onde funcionou até 31 de dezembro.

De tal sorte a 23, os Srs. Elias de Oliveira, Lauro Braves e Sales Lopes foram postos em liberdade com alguns dias de prazo para sair do Piauí, e ao Dr. Pires Leal foi concedida prisão em domicílio sob palavra.

16

DEPOSIÇÃO DO INTERVENTOR FEDERAL NO PIAUÍ

A discórdia entre os chefes da Revolução no Piauí veio nas fraldas da vitória. Deposto o ex-Governador Pires Leal, caía o prestígio político da família Pires e ascendia ao poder a facção chefiada pelo Dr. Matias Olímpio que o precedera na governança do Estado.

Nova reviravolta na administração pública: nomeações e demissões em massa, e perseguições aos adversários políticos.

Ao meio-dia de 4 de outubro, o Des. Vaz da Costa, divergindo do Comandante Humberto, que desejava substituí-lo no Comando do 25.º B.C. pelo sargento Azevedo, teve com ele forte altercação no Palácio do Governo.

A 5 pela manhã, o Des. Vaz da Costa, acompanhado dos sargentos Azevedo e Madeira Campos, procurou-nos em Karnak para exigir as chaves do cofre do 25.º B.C., numeradas de 1 a 3 e distribuídas em duplicatas ao Major Pantoja, a mim e ao Tenente Barroso, em virtude de nossas funções.

Ficou combinado que mandaríamos apanhá-las em nossas residências e, à tarde, seriam entregues.

Na ocasião exigimos do Des. Vaz da Costa a assinatura de uma ata: "Às quinze horas do dia cinco de outubro do ano de mil novecentos e trinta, o Conselho de Administração que teve gerência dos bens e fundos do Batalhão até o dia três do corrente mês, tendo sido solicitado pelo Sr. Desembargador Doutor Joaquim Vaz da Costa, Tenente-Coronel-Comandante do atual Vigésimo Quinto Batalhão de Caçadores, às ordens do Governo Revolucionário do Estado do Piauí, que lhe fossem entregues as chaves do cofre do referido Conselho, reuniu-se em sessão extraordinária e, considerando as violências que já sofreu de parte do referido Governo, inclusive de se acharem os oficiais do Batalhão presos à sua disposição no Palácio do Governo do Estado e na possibilidade de virem a sofrer violências maiores, conforme fez ver o senhor Desembargador Vaz da Costa, e não podendo oferecer nenhuma resistência este ato, resolveu, por unanimidade de votos, entregar as chaves daquele cofre mediante recibo dos documentos que se acham recolhidos ao mesmo, tendo sido designados os senhores 1.º Tenente-Contador Domingos Barroso da Costa e 2.º Tenente João Henrique Gaioso e Almendra para inventariarem tais documentos. A presente ata vai assinada por todos os membros do Conselho e pelo Senhor Doutor Desembargador Joaquim Vaz da Costa. Assinados: Major Raimundo de Oliveira Pantoja, Presidente do C.A.; 1.º Tenente Moisés Castelo Branco Filho, Fiscal Administrativo, relator; 1.º Tenente Domingos Barroso da Costa, Almoхарife-Pagador; 2.º Tenente João Henrique Gaioso e Almendra, Vogal; e Desembargador Joaquim Vaz da Costa, Tenente-Coronel, Comandante provisório do Vigésimo Quinto Batalhão de Caçadores".

Entre os documentos retirados do cofre do Batalhão e entregues aos Srs. Des. Joaquim Vaz da Costa, Tenente-Coronel Comandante provisório do 25.º B.C. revolucionário, Benedito Carlos de Azevedo, Capitão Subcomandante, e José Augusto de Oliveira, 2.º Tenente-Contador em co-

missão, mediante recibo, figuram duas cadernetas do Banco do Brasil, com os depósitos de 26:244\$600 e 1:242\$300, correspondentes aos fundos de alimentação e forragem do Batalhão.

Durante a reunião do Conselho, o Des. Vaz da Costa mostrou-se surpreendido quando lhe informamos que as visitas de nossas famílias estavam proibidas. E voltou, no dia seguinte, para dizer-nos que ia ao Governador protestar contra a nossa incomunicabilidade.

Nos dias 7 e 8, não vimos o Des. Vaz da Costa, que apareceu na manhã de 9 para apresentar suas despedidas por ter deixado o Comando do 25.º B.C. Percebemos que tinha algo mais a dizer-nos, mas impedia-lhe a presença do Sérgio, que servia o café.

Na reunião de Parnaíba — 12 de novembro — o Capitão Juarez Távora tentou conciliar os chefes revolucionários do Piauí.

Entre outros acertos, o Dr. Matias Olímpio devolveria fechada a carta que lhe havia dirigido o Des. Vaz da Costa e ainda não recebida. Em Teresina, o documento foi restituído sem lacre e o Comandante Humberto não atendeu nenhuma das queixas do Des. Vaz da Costa.

A onda de insatisfeitos crescia dia-a-dia. Os irmãos Marinho, igualmente afastados do Governo, e o Sr. Abimael Soares da Rocha, que perdera os galões de tenente no 25.º B.C., colocaram-se ao lado do Des. Vaz da Costa.

Breve o descontentamento lavrou dentro da Brigada Militar com a demissão de 10 oficiais no dia 22 de janeiro: Major Joaquim Fialho, Capitães Marcos Farias Bangoim e Miguel de Arêa Leão, 1.º Tenente José de Arêa Leão e Segundos-Tenentes Alcino Batista, Diogo Lustosa, Jonas Jeremias, Antero de Sousa Lima e Júlio e João Arêa Leão. Alguns destes oficiais haviam tomado parte ativa no levante de 4 de outubro.

A opinião pública prevenida contra as demissões e nomeações de funcionários, estava trabalhada pela "A Liberdade" — órgão da Legião Revolucionária.

* * *

Às 12 horas de 29 de janeiro, em pleno dia, o povo amotinado e tendo à frente os Srs. Leão Marinho, Antônio da Rocha Marinho, Abimael Soares da Rocha, Faustino Oliveira, Miguel Ferreira Lima e ex-oficiais da Polícia, dirigiu-se ao quartel da Brigada Militar e ao Palácio de Karnak para depor o Comandante Humberto.

Não houve resistência e a ação foi rápida. Na Força Militar, a guarda e a tropa aderiram ao movimento popular, e no Palácio do Governo foram presos e conduzidos para o quartel da Brigada o Comandante Humberto, o Dr. Adolfo Alencar — Secretário da Polícia —, o Major Samuel Castelo Branco — Assistente Militar —, o Major Anfrísio Gomes da Rocha — Comandante da Brigada —, o Major Firmino de Araújo Farias e os Tenentes Luís Waldemar de França e José Augusto Castelo Branco, oficiais da Polícia.

Afastado o Comandante Humberto do Governo, momentos depois o povo aclamava o Des. Vaz da Costa Governador Revolucionário do Piauí.

O 25.º B.C. não participou da deposição do Interventor Federal e durante o movimento popular não saiu do seu quartel.

Foi distribuído à população da capital um boletim de aviso:

"Teresina, 29 de janeiro de 1931.

"Para tranqüilidade da população Teresinense, comunicamos que o movimento operado às 12 horas de hoje, que culminou com a deposição e conseqüente prisão do Sr. Comandante Interventor, e de alguns de seus imediatos auxiliares, e em que tomaram parte o povo e a força po-

licial, está terminado sem que tenha havido nenhuma perda de vida.

"Tudo normalizado, cada um pode se entregar aos seus afazeres, aguardando a instituição de um Governo honesto, moralizado e justiceiro, imposto pelo povo.

"Viva a Revolução Piauiense!

"Abaixo o despotismo que o povo piauiense já suportava à força!

a) Des. Vaz da Costa

Leão Marinho

Abimael Soares da Rocha

Antônio da Rocha Marinho".

O Des. Vaz da Costa comunicou os acontecimentos ao Chefe do Governo Provisório e ao Capitão Juarez Távora — Delegado Geral do Norte — colocando o cargo nas suas mãos.

Às 21 horas, de ordem do Chefe do Governo Provisório, o Capitão Joaquim de Lima Cunha — Comandante do 25º B.C. — assumia a Interventoria Militar no Estado.

Nessa noite realizou-se concorrido comício na Praça Rio Branco, fazendo-se ouvir vários oradores: Des. Vaz da Costa, Dr. Leão Marinho e outros.

A 2 de fevereiro, o Juiz Federal do Piauí — Dr. Pedro Borges da Silva — despachava um pedido de habeas-corpus do cidadão José Cândido de Almendra Gaioso e Exas. Sras. Corina de Carvalho Freitas, Dali Navarro de Arêa Leão, Maria de Arêa Leão Parentes e Anésia Alencar, a favor dos cidadãos Humberto de Arêa Leão, Dr. Adolfo Alencar, Antônio de Almendra Freitas, João Martins do Rego, Dr. Walter Spínola e Silva, Major Samuel Castelo Branco, respectivamente, Interventor Federal, Secretário do Governo e Polícia, Secretário da Fazenda, Prefeito da Capital, Secretário e Assistente do Interventor, Major Firmino de Araújo Farias e Tenentes Luís Waldemar de França e José

Castelo Branco, oficiais da Brigada Militar, para que fossem os mesmos senhores reconhecidos como autoridades legais, pudessem comunicar-se livremente com o Presidente da República, tizessem valer o seu direito, livres de qualquer constrangimento e garantidos pelo Interventor Militar e Força Federal, julgando-se incompetente para dele tomar conhecimento, com fundamento no § 8.º, do art. 11 do Dec. n.º 19.398, de 11 de novembro de 1930; considerando que os atos dos Intervenores escapam ao conhecimento das justiças ordinárias, com recurso para o Chefe do Governo Provisório e, por ser apresentado, pelos próprios impetrantes, como responsável, pela alegada coação infligida aos pacientes, o Capitão Joaquim de Lemos Cunha, nomeado Interventor interino, até que fosse definitivamente escolhido outro interventor (Diário Oficial do Estado do Piauí, n.º 27, de 4-2-1931).

Pelo Capitão Juarez Távora — Delegado Federal no Norte — foi nomeado o 1.º Tenente Landri Sales Gonçalves para proceder a rigoroso inquérito policial-militar, a fim de apurar quais os responsáveis pelos acontecimentos de 29 de janeiro, cujo resultado não foi dado à publicidade.

A imprensa do Rio de Janeiro publicou que, neste inquérito, o Bispo Diocesano, o Juiz Federal e o Presidente da Associação dos Empregados do Comércio declararam que a deposição do Interventor Federal fora conseguida pelo Des. Vaz da Costa, à frente de algumas dezenas de cangaceiros que mantinha em sua fazenda do Pontal, e pela Brigada Militar, sem nenhuma participação do povo.

A notícia era uma versão do correspondente de Teresina, mas a verdade é que o Des. Vaz da Costa depôs o Comandante Humberto apoiado pelos mesmos elementos com que derrubara o Governador Pires Leal.

Durou pouco a Interventoria Militar. A 21 de maio de 1931, o Capitão Joaquim de Lemos Cunha passava o Governo ao 1.º Tenente Landri Sales Gonçalves, nomea-

do Interventor Federal no Estado pelo Chefe do Governo Provisório (relatório do Capitão Lemos Cunha — Imprensa Oficial — 1931).

"A Liberdade", edição de 12-3-1931:

"Entretanto, ao meio-dia de 4 de outubro tínhamos forte atrito em Karnak porque percebi que ele tramava substituir-me no comando do 25.º B.C. por um sargento que eu havia feito tenente naquele dia" (Pobre Gente e Gente Ruim — Des. Vaz da Costa).

"A Liberdade", de 12-3-1931:

"Em Parnaíba o Sr. General Juarez Távora tentou uma conciliação e prontamente acedi ao seu apelo, depositando em suas mãos a solução do conflito" (Pobre Gente e Gente Ruim — Des. Vaz da Costa).

.....
"Escrevi, então, ao Dr. Matias Olímpio, despedindo-me da situação" (Pobre Gente e Gente Ruim — Des. Vaz da Costa).

MAIS UM LEVANTE NO PIAUÍ

Escreveram sobre o movimento subversivo de 3 e 4 de junho em Teresina o Dr. Higino Cunha — O Levante Militar de 3 para 4 de junho ("Estado do Piauí", de 16 de janeiro de 1932); o Desembargador Vaz da Costa — O Levante de junho ("A Liberdade", de 7 de fevereiro de 1932); e — Os Meus Serviços — "A Liberdade", de 17 de janeiro de 1932); o Major Sebastião Rabelo Leite, Comandante do 25.º B.C. — Carta a "O Globo" —, 8 de julho de 1931; e 1.º Tenente Landri Sales Gonçalves, Intendente Federal no Piauí — Ofício ao Comandante do 25.º B.C. (Diário Oficial, de 9 de junho de 1931).

Estes documentos são omissos quanto aos agentes do levante e seus objetivos.

Todavia, no escrito do Dr. Higino está registrado: "O agente intelectual da revolta foi o sargento asilado Olímpio Leitão" (simpatizante comunista), e na carta do Major Rabelo Leite: "agindo sub-repticiamente vários elementos insufladores do comunismo que audaciosamente vem tomando vulto em alguns Estados do Norte".

Em 1931, a propaganda comunista no Brasil era livre e se fazia através da "Liga de Ação Revolucionária" (predecessora da "Aliança Libertadora") com um núcleo forte no Recife e ramificações pelos Estados do Norte.

A afirmação do Major Rabelo Leite deve estar fundada na leitura do inquérito militar sobre o levante, presidido pelo Capitão Osvaldo Barros Castro.

Soube-se que o sargento João Batista Caland, do 25.º B.C., que participou da sublevação, foi excluído do Exército por ser adepto do comunismo.

Talvez uma análise mais apurada deste inquérito permita esclarecer as ligações dos amotinados do 25.º B.C. com a "Liga de Ação Revolucionária" e os agentes comunistas do Norte, mas não consegui localizá-lo nos arquivos do Exército.

A narrativa da sublevação de 3 e 4 de junho, nesta 2.ª edição de "Depoimento", é feita com base na literatura citada e no noticiário do "Estado do Piauí", de 6 e 7 de junho de 1931.

* * *

O movimento sedicioso de 3 de junho na capital piauiense irrompeu às 2 horas no quartel do 25.º B.C. com a prisão dos oficiais.

E assim está descrito pelo Major Rabelo Leite, em carta de 8 de julho de 1931, a "O Globo":

"Os únicos oficiais, Sr. Redator, que não se achavam no quartel às 2 horas, porque não moram dentro dele, quando irrompeu o levante, eram o comandante, o veterinário, o aspirante-contador e um tenente comissionado, encontrando-se, porém, no quartel, os Srs. 1.º Tenente Claudionor Macário dos Santos, Subcomandante e Segundos-Tenentes Odilon Siqueira, Comandante da Companhia de Metralhadoras, e comissionado Pedro Esperidião Woffre, Comandante da 1.ª Companhia, os quais foram des-

pertados com os fuzis dos amotinados ao peito, tendo sido os demais oficiais presos em suas casas, cada um por um pelotão de armas embaladas, e escoltados para o quartel”.

Em “O Levante Militar de 3 para 4 de junho” (“Estado do Piauí”, de 16 de janeiro de 1932), o escritor piauiense Higino Cunha traz importante subsídio histórico:

“Um grupo de rebeldes atacou e tomou o quartel da Polícia, prendendo os oficiais; outro dirigiu-se ao Teresina Hotel, à Rua Álvaro Mendes, onde prendeu o Interventor Federal, Tenente Landri Sales, e o Secretário Geral, Tenente Antônio Martins de Almeida; e um terceiro apriou em sua residência o sargento Bruno Jansen Nogueira de Meireles, Assistente Militar do Interventor”.

E o Des. Vaz da Costa, em “O Levante de junho” (“A Liberdade”, de 7 de fevereiro de 1932): “Felizmente fui um dos presos do levante”.

Foram ainda presos pelo cabo Amador, e recolhidos ao quartel do 25.º B.C. o Gerente da Agência do Banco do Brasil — Dr. Heráclito Santos e Senhora, e Jacob Veloso — também libertados pelo Des. Vaz da Costa. (“A Liberdade”, 17-1-1932).

A cidade esteve algumas horas debaixo de verdadeiro pânico, à mercê da soldadesca do 25.º B.C. e sob a expectativa de acontecimentos imagináveis.

Esta a situação em Teresina, na madrugada de 3, mas ainda pela manhã ocorreram reações à subversão.

Às 10 horas, onze soldados da Polícia e o civil Julião, chefiados pelo sargento músico Camilo Nanã, repeliram os assaltantes do quartel da Polícia, tomando-lhes as armas, inclusive uma metralhadora, e puseram em liberdade os oficiais presos (O Levante Militar de 3 para 4 de junho — Higino Cunha).

E o Des. Vaz da Costa, chegando ao quartel do 25.º B.C. e não encontrando o cabo Amador — que a ninguém confiou a guarda do Banco do Brasil —, fez valer sua au-

toridade de ex-Comandante Revolucionário do Batalhão e mandou pôr em liberdade os oficiais e sargentos que se achavam recolhidos ao xadrez das praças (O Levante de junho — Des. Vaz da Costa).

Depois desta contrapartida do Des. Vaz da Costa no 25.º B.C., foram relaxadas as prisões do Interventor Federal Landri Sales e do Secretário Geral Martins de Almeida.

A repressão à sedição foi dirigida do quartel da Brigada Militar, onde se reuniram, na noite do dia 3, o Capitão Delso Mendes da Fonseca (Delegado do Capitão Juares Távora no Piauí), os Tenentes Landri Sales e Martins de Almeida e os oficiais do 25.º B.C. e da Polícia.

Na manhã de 4 teve início a ofensiva às posições ocupadas pelos rebeldes.

O ataque ao Palácio de Karnak foi realizado por um contingente e oficiais da Força Militar, comandados pelo Interventor Federal que, de fuzil em punho, tiroteou contra os rebeldes, infundindo sua atitude destemerosa entusiasmo e confiança nos que o acompanhavam (“Estado do Piauí”, de 7 de junho de 1931).

A patrulha rebelde da Delegacia Fiscal recebeu os contra-atacantes com intenso tiroteio na direção do Posto Central da Polícia e da igreja do Amparo, que estava repleta de fiéis à espera da missa, e houve grande confusão e atropelos, pois todos procuraram fugir ao mesmo tempo (“Estado do Piauí”, de 7 de junho de 1931).

A patrulha do Banco do Brasil — comandada pelo cabo Amador — relutou em abandonar o local, mas rendeu-se ao Des. Vaz da Costa e ao Capitão Lemos Cunha, entregando-lhes a metralhadora leve, os fuzis e a munição; e prometeu-lhes ainda o cabo Amador que se recolheria ao quartel do 25.º B.C. (Os Meus Serviços — Des. Vaz da Costa).

A posse do quartel do 25.º B.C. foi obtida pelo brigada João Martins de Moraes com 62 sargentos e 40 praças,

inclusive músicos, num golpe-de-mão à hora do almoço em que era menor o número de sediciosos no quartel, aprisionando os presentes e aqueles que, advertidos com o ruído das rajadas de metralhadora, acudiam ao quartel (carta do Major Rabelo Leite, a "O Globo").

À atuação do brigada Moraes refere-se o Interventor Federal: "Devo realçar o sargento-ajudante João Martins de Moraes que pela sua ação serena e enérgica, pela bravura e autoridade moral, foi o principal fator da repressão daquele movimento e a segurança de êxito na reação contra os amotinados" (Ofício ao Comandante do 25.º B.C. — Diário Oficial, de 9 de junho de 1931).

Apesar de toda esta movimentação e do vivo tiroteio, não houve nenhum caso a lamentar ("Estado do Piauí", de 7 de junho de 1931).

Em pouco tempo, as tropas legais dominaram o levante, prendendo os sediciosos e recolhendo-os à cadeia pública.

O cabo Amador, chefe do movimento subversivo, evadiu-se no decurso das operações de limpeza.

Jugulada a revolta, o Major Rabelo Leite reassumiu o Comando do 25.º B.C. na presença do Interventor Federal e demais autoridades do Estado.

Avisado dos acontecimentos, o Governo Provisório tomou as providências necessárias à repressão, fazendo seguir para Teresina uma companhia do 23.º B.C. (Ceará), comandada pelo 1.º Tenente João Carvalhedo, e outra do 24.º B.C. (Maranhão) sob o Comando do Capitão Osvaldo de Barros Castro. Esta chegou à capital piauiense no dia 6 e aquela a 8, depois de acidentada viagem pelo interior.

O Interventor Landri Sales mandou abrir rigoroso inquérito presidido pelo Capitão Barros Castro para apurar quais os responsáveis pelo movimento sedicioso. Tiveram baixa por indisciplina mais de cem soldados e foram presos e remetidos à guarnição do Recife sessenta praças, inclu-

sive sargentos (O Levante Militar de 3 para 4 de junho — Higinio Cunha).

ANOTAÇÕES

"A Liberdade" de 17-1-1932 — "Felizmente fui um dos presos.

.....
..... "mandei em primeiro lugar soltar o comandante, os oficiais e sargentos do Batalhão que se achavam encarcerados no xadrez."

.....
..... "Consegui afinal que Amador se rendesse. Entregou a metralhadora leve, todos os fuzis e munições de sua guarda" (Os Meus Serviços — Des. Vaz da Costa).

COMENTÁRIO DO AUTOR

Em "O Levante Militar de 3 para 4 de junho", o Dr. Higinio Cunha responsabiliza o Des. Vaz da Costa pelo movimento sedicioso dos cabos do 25.º B.C., que teria sido por ele promovido a fim de intimidar o Interventor Federal — 1.º Tenente Landri Sales Gonçalves, recém-empossado (21-5-1931), e nomeado sem sua anuência.

Esta afirmativa está em desacordo com a "Carta" do Major Sebastião Rabelo Leite, publicada em "O Globo" de 8 de julho de 1931, e com o depoimento de Juarez Távora — "Uma Vida e Muitas Lutas" —: "Empossado, em começos de maio, teve Landri Sales de enfrentar, poucos dias depois, uma revolta de praças do 25.º B.C., de fundo comunista, comandada por cabos da Unidade" (2.º volume — página 37).

As afirmações do Major Rabelo Leite — Comandante do 25.º B.C. — e de Juarez Távora — Delegado Militar do Governo Provisório nos Estados do Norte — são con-

cluídas, de certo, do Inquérito Policial Militar sobre o le-
vante, presidido pelo Capitão Osvaldo Barros.

Nos documentos que consultei, apenas o Dr. Higino
Cunha confere a responsabilidade dos acontecimentos ao
Des. Vaz da Costa, mas deve ter-se baseado em versões
espalhadas por adversários políticos de seu acusado.

18

ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA COLUNA PRESTES

A "Coluna Prestes" é originária dos movimentos revo-
lucionários que antecederam a Revolução de 3 de outu-
bro de 1930.

Em 1921, a candidatura de Artur Bernardes à Presi-
dência da República inquietou os políticos e atingiu o
prestígio do Exército com a controvertida questão da "Car-
ta" (a primeira), publicada no "Correio da Manhã", na
edição de 9 de outubro.

A 5 de julho de 1922, tomaram-se em armas os Ca-
detes, da Escola Militar do Realengo, e os Tenentes do
Forte de Copacabana.

É a epopéia dos **Dezoito do Forte**, vivida pelos Tenen-
tes Siqueira Campos, Eduardo Gomes, Mário Carpenter,
Newton Prado e o civil Otávio Correia.

Em 1923, unidades da Polícia Militar do Rio Grande
do Sul e batalhões patrióticos rebelaram-se para depor
Borges de Medeiros.

Em 1924, em São Paulo, o General Isidoro Dias Lo-
pes e o Major Miguel Costa (da Polícia Paulista) coman-

daram o Segundo 5 de Julho, contra o Presidente ^{Artz} Bernardes.

Da capital bandeirante, as tropas rebeldes retiraram-se para o Paraná — Catanduvas e Foz do Iguaçu —, onde continuaram na luta perseguidas pelas forças federais.

A 29 de outubro de 1924, Siqueira Campos em São Borja, Luís Carlos Prestes em Santo Ângelo, Juarez Távora em Uruguaiana e João Alberto em Alegrete sublevaram as guarnições locais do Exército e foram reunir-se aos paulistas.

Ainda em 1924, os Tenentes Ribeiro Júnior e Magalhães Barata levantaram o Amazonas e o Pará; em 1926, os Tenentes Maynard Gomes e Eurípedes de Lima, a guarnição de Aracaju (Sergipe), agora para apoio da "Coluna Prestes", então metida pelos sertões do Ceará e Paraíba.

As ações isoladas se sucederam: Tenente Pedro Rocha em Mato Grosso — adesão frustrada ao Segundo 5 de Julho; Tenente Cleto Campelo — tentativa de levante do 21.º B.C., no Recife, 1926; Tenente Carlos Costa Leite — assalto à guarda do 3.º R.I., Rio, 1927; e revolta do Encouraçado São Paulo — Tenente Herculino Cascardo, 1924.

Em 1925, os revolucionários de São Paulo e do Rio Grande do Sul formaram a "Coluna Prestes", que percorreu o Brasil inteiro — 25 mil quilômetros — e, em marchas e contramarchas, pelos nossos ínvios sertões, esteve duas vezes no Piauí, antes de internar-se na Bolívia a 3 de fevereiro de 1927.

A junção das forças paulistas e gaúchas fez-se a 30 de março de 1925 em Foz do Iguaçu, depois da retirada dos paulistas de Catanduvas ("Memórias de um Revolucionário" — Editora Civilização Brasileira, 1954 — João Alberto Lins de Barros). Este agrupamento constituiu a Divisão Revolucionária sob o comando do General Miguel Costa.

A 7 de abril foi acertada, por Miguel Costa e Carlos Prestes, a incursão da Coluna Revolucionária em território paraguaio, rumo ao sul de Mato Grosso, para livrá-la da pressão das tropas governistas mais numerosas e bem municadas.

A travessia do rio Paraná fez-se, de 26 a 29 de abril, em Porto Mendes e Porto Artaza, nos navios "Assis Brasil" e "Bell": 1.000 homens e 600 animais de sela, de carga e de tração.

Na manhã do dia 28, a vanguarda da Divisão Revolucionária — Destacamento João Alberto — iniciou a marcha em território paraguaio, cortando uma picada de 135 quilômetros, de Porto Adela (Paraguai) à Fazenda Jacaré (Brasil).

A 1 de maio de 1925, teve início a grande marcha da Coluna Revolucionária através de todo o Brasil ("Uma Vida e Muitas Lutas" — Juarez Távora — Livraria José Olímpio [Editora, 1974]).

* * *

ANOTAÇÕES

As forças do Rio Grande do Sul, comandadas pelo Capitão Luís Carlos Prestes, eram constituídas pelas unidades do Exército sediadas no território das Missões (fronteiras com o Uruguai): 2.º R.C.I. (São Borja), 3.º R.C.I. (São Luís Gonzaga), 3.º G.A.C. (Alegrete), 1.º Batalhão Ferroviário (Santo Ângelo) e 3.º Batalhão de Engenharia (Cachoeira do Sul); e guerrilheiros comandados por caudilhos gaúchos: Honório de Lemos, Luís Carreteiro, Nestor Veríssimo e Favorino ("Memórias de um Revolucionário" — João Alberto).

As forças paulistas, comandadas pelo Major Miguel Costa, eram formadas de tropas do Exército: 4.º Batalhão

de Caçadores (Santana — capital), 4.º Regimento de Infantaria (Quitaúna), Grupo de Artilharia Pesada de Quitaúna, Regimento de Artilharia Montada de Itu, Grupo de Artilharia de Montanha de Jundiá; e unidades da Polícia Paulista: 1.º Regimento de Cavalaria, 3.º Batalhão de Infantaria e Corpo-Escola, todas aquarteladas na capital ("Uma Vida e Muitas Lutas" — Juarez Távora).

* * *

19

A "COLUNA PRESTES" NO PIAUÍ

Nenhum motivo político ou militar deu razão à invasão do Piauí pela "Coluna Prestes", senão o propósito dos revolucionários de levarem o movimento ao interior do Brasil.

A 15 de novembro de 1925 a "Coluna Prestes" chegava a Carolina no Maranhão, à margem direita do rio Tocantins, vinda de Goiás ("Uma Vida e Muitas Lutas" — Juarez Távora).

E, após escaramuças locais, desceu o rio das Balsas rumo a Uruçuí (PI) e Benedito Leite (Maranhão), cidades situadas na confluência desse rio com o Parnaíba. Ali o Governo reunira tropas do Exército e das Polícias do Piauí e Ceará para enfrentar os revoltosos.

Entre os oficiais da Coluna encontravam-se o Major Miguel Costa, da Força Militar de São Paulo; os Capitães Luís Carlos Prestes e Juarez Távora, e os Tenentes João Alberto Lins de Barros, Osvaldo Cordeiro de Farias, Djalma Soares Dutra e Antônio de Siqueira Campos, do Exército; Trifino Correia (ex-aluno de 1922 da Escola Militar

de Realengo) e Lourenço Moreira Lima (civil), graduados em capitão.

As forças da legalidade eram formadas pelas seguintes unidades: 1.^a Companhia do 25.^o B.C. — Comandante 1.^o Tenente Manuel Inocêncio Pires Camargo e subalterno 2.^o Tenente Almir Campelo; 2.^a Companhia do 25.^o B.C. — Comandante 1.^o Tenente Joaquim Lemos Cunha e subalterno 2.^o Tenente Florêncio Isidoro de Freitas; 1.^a Companhia do 23.^o B.C. (Ceará) — Comandante Capitão Roberto Malheiros e subalternos 1.^o Tenente Irapuã Saturnino de Freitas e Segundos-Tenentes Oscar Fernandes e Josué Vale; 1.^o Batalhão da Polícia Militar do Piauí — Comandante 1.^o Tenente do Exército Jacob Manuel Gaioso e Alameda — e 1.^a Companhia da Polícia Cearense — Comandante Capitão João Moura Brasil.

Estas tropas constituíam um grupamento sob o Comando do Capitão Malheiros, e na repartição Benedito Leite foi ocupada pela Polícia do Piauí e Uruçuí pelo Exército.

A 11 de novembro travou-se em Benedito Leite o primeiro encontro entre os adversários, sem vantagem militar para nenhuma das partes ("O Piauí", edição de 12 de dezembro de 1925).

As dificuldades logísticas e a distância da base de operações — Teresina —, fez com que as forças governistas se deslocassem para as cidades de Floriano e Amarante no médio Parnaíba, e posteriormente para Teresina.

Em Floriano, recorda João Alberto:

"A curiosidade e o espanto com que os meus gestos e as minhas palavras eram seguidos culminaram quando, depois do jantar (em casa de um simpatizante da Revolução), pedi licença para me sentar ao piano e dedilhar alguma coisa" ("Memórias de um Revolucionário", página 132).

Depois do assédio de Uruçuí, as forças revolucionárias reuniram-se em Mirador à margem do Itapecuru e em Nova Iorque no rio Parnaíba ("Uma Vida e Muitas Lutas" — Juarez Távora).

E, dali, os Destacamentos João Alberto e Djalma Duara passaram para a borda direita do Parnaíba, enquanto os Destacamentos Siqueira Campos e Cordeiro de Farias margeariam o rio pelo lado maranhense. O General Miguel Costa confiou a Prestes — Chefe do Estado-Maior da Coluna — a coordenação do ataque a Flores, e a Juarez — Subchefe — o de Teresina ("Uma Vida e Muitas Lutas" — Juarez Távora).

Os destacamentos da margem maranhense tinham também por missão danificar a Estrada de Ferro São Luís—Teresina, a fim de isolar a capital piauiense do porto de mar.

Na regressão de Floriano para Teresina — 20 de dezembro — as tropas legais foram atacadas em Porto de Araçás pelos rebeldes comandados pelo Tenente Siqueira Campos. Neste ataque o batalhão de polícia do Tenente Gaioso, embarcado no vapor "15 de Novembro", perdeu um sargento, e no barco "Piauí", ocupado pelo Major Alencarliense Ferreira da Costa — comandante do Destacamento de Floriano — ficaram feridos 5 marinheiros (um gravemente). As forças rebeldes também tiveram baixas (O Piauí "alma mater" da Resistência Legal no Extremo Norte — entrevista do Major Costa Araújo ao "Diário de Bagé" — jornal "O Piauí", 4 de maio de 1926).

As cidades de Oeiras, Picos e Valença foram ocupadas pelo Major Ari Freire ("A Coluna Prestes" — Lourenço Moreira Lima).

Na capital piauiense o Governo Federal reuniu forte agrupamento militar: 25.^o Batalhão de Caçadores — Comandante Capitão Álvaro Peixoto de Azevedo; 1.^o Batalhão do 1.^o Regimento de Infantaria (Rio) — Comandante Major Saião; 1.^a Companhia do 24.^o B.C. (Maranhão) —

Comandante Capitão João Felipe Bandeira de Melo; 20.º Batalhão de Caçadores (Alagoas) — Comandante Capitão Porto Alegre; 29.º B.C. (R. G. do Norte) — Comandante Coronel Luís Tavares Guerreiro; Batalhão da Polícia Militar do Piauí — Comandante 1.º Tenente Jacob Manuel Gaioso e Almendra; 24.º Corpo de D. Pedrito da Polícia Militar do Rio Grande do Sul — Comandante Major Otacílio Fernandes — e forças patriotas do Piauí, comandadas pelo Des. Vaz da Costa e Capitão Silva.

Tais corporações constituíam o Destacamento de Defesa dos Estados do Piauí e Maranhão, comandado pelo Coronel Gustavo Frederico Beuttmüller, que fazia parte das Forças em Operações no Norte da República (F.O.N.R.).

Estas forças compreendiam outras unidades de tropa do Exército destacadas nos Estados da Bahia, Sergipe e Maranhão, sob o comando do General João Gomes Ribeiro Filho com Quartel-General em São Luís.

O General João Gomes fez seguir para Teresina o seu Chefe de Estado-Maior, Major Basílio Taborda, para montar o plano-de-defesa da cidade.

Completava a guarda da capital do Piauí uma flotilha de quatro vapores e duas lanchas da navegação fluvial do Parnaíba, fortemente armados de fuzis e metralhadoras — Comandante Capitão-Tenente Humberto de Arêa Leão —, a qual patrulhava o rio Parnaíba de Floriano a Teresina.

Parte das forças ocupou a vizinha cidade de Flores (hoje Timon, Maranhão): 1.ª Companhia do 24.º B.C. e 20.º Batalhão de Caçadores, como reserva tática à disposição do Major Taborda, Chefe do Estado-Maior do General João Gomes.

Antes da chegada do Major Taborda, cogitou-se da defesa da capital e, no Palácio do Governo, reuniram-se o Governador do Estado — Dr. Matias Olímpio de Melo; o Diretor e o Vice-Diretor de Viação e Obras Públicas — engenheiros Luís Mendes Ribeiro Gonçalves e Raimundo

de Arêa Leão; o Secretário do Governo — Dr. José Auto de Abreu; o Comandante do 25.º B.C. — Capitão Álvaro Pedoto de Azevedo — e o Fiscal das obras do quartel — Major engenheiro José Faustino dos Santos e Silva; e sobre uma planta da cidade foi projetada uma linha de trincheiras entre os rios Parnaíba e Poti, as quais envolviam ao sul a usina de energia elétrica e os reservatórios de abastecimento d'água.

Foram incumbidos da construção das trincheiras os engenheiros José Faustino, Ribeiro Gonçalves e Arêa Leão. A ligação entre as autoridades civis e militares ficou a cargo do Secretário de Estado, Dr. José Auto de Abreu, que neste mister foi várias vezes a Flores entender-se com o Major Taborda, inclusive sobre a redução da frente de defesa para maior concentração das tropas legais, que não era do agrado do Governador e não se tornou necessária.

O objetivo dos rebeldes era a capital piauiense, cuja posse seria de grande efeito moral para a propaganda revolucionária, e a apreensão de armas e munições de que eles estavam carentes.

As forças revolucionárias concentraram-se no povoado de Natal — município de Teresina (hoje cidade de Monseñor Gil).

A defesa da capital foi dividida em três frentes de trincheiras: — Este — Sul — e Oeste —, das quais poderiam vir os ataques dos revoltosos, ficando a frente Norte coberta pela Flotilha do Rio Parnaíba.

Na noite de 22 de dezembro, iniciaram-se as escaramuças por patrulhas de inquietação dos rebeldes que prosseguiram até à noite de 31. Nestes encontros houve algumas baixas de ambas as partes: soldados anônimos da legalidade e da Revolução.

Durante o dia, os adversários não se afastavam das trincheiras ("O Piauí", 9-5-1926. A Tática dos Revoltosos — Higino Cunha).

As forças do Governo afrontaram-se com essa guerra de posição contra um adversário treinado nas emboscadas e nos golpes-de-mão. E, no dia 30 de dezembro, um contingente legalista, composto de 118 homens do 23.º e 25.º B.C. e dos Tenentes Revoredo e Miguel Figueira, saiu de Teresina, sob o Comando do Major Antônio da Costa Araújo Filho, para atacar os revoltosos em suas posições de Natal.

No Angelim — 10 km ao sul de Teresina — as forças governistas depararam com uma patrulha revolucionária de reconhecimento — Capitão Juarez Távora, seu ordenança e um oficial da guarda de Caieiras — que preparava uma armadilha a uma das lanchas de vigilância do Parnaíba, para cobertura da travessia do rio pelos destacamentos vindos pelo Maranhão.

A tropa envolveu o Capitão Juarez que, pegado de surpresa, rendeu-se à prisão.

Em "Uma Vida e Muitas Lutas", Juarez Távora, narra o episódio:

"Ouvindo o tiroteio, à minha retaguarda, tratei de voltar a Caieiras, para inteirar-me da situação. Mas o meu cavalo, assustado com o tiroteio, empacou miseravelmente, obrigando-me a apear para puxá-lo pela rédea e perder o contato com os meus dois companheiros de exploração. Estes conseguiram ultrapassar Caieiras, antes de sua ocupação pelas forças governistas. Eu, porém, ao desembocar na clareira do bivaque, fui cercado por um pelotão adversário, que me intimou a render-me. Atirado o revólver que vinha empunhando, na direção do intimante, apeei-me, e desarmado me entreguei como prisioneiro." (Caieiras — propriedade dos herdeiros do Dr. Augusto Rezende, sucessores do Dr. Marcos Araújo, à margem do Parnaíba e a 10 km do Angelim).

Aprisionado, Juarez foi recolhido no mesmo dia ao quartel do 25.º B.C., em Teresina.

A prisão do afamado chefe revolucionário intranquiliou a população teresinense que receava a revanche dos rebeldes para sua libertação. E, na manhã do dia 31, ele recebeu a visita de Dom Severino — Bispo do Piauí — que lhe foi pedir uma carta para o Capitão Prestes, sugerindo a suspensão do cerco da cidade.

De Teresina, o Capitão Juarez seguiu preso para São Luís, e dali foi mandado apresentar ao Quartel-General do Exército no Rio de Janeiro.

O transporte do Capitão Juarez Távora de Teresina para São Luís revestiu-se de grande aparato e verificou-se às 9 horas do dia 5 de janeiro em trem especial, escoltado por uma companhia do 24.º B.C. (Maranhão) do Comando do Capitão Simões.

Ele próprio escreve em "Uma Vida e Muitas Lutas":

"O transporte se fez em trem especial, num carro com janelas travejadas e policiado por aparatosa escolta militar. Parecia haver receio de uma emboscada revolucionária, ou de alguma tentativa de fuga rocambolesca do prisioneiro, em algum ponto do trajeto".

O Capitão Juarez Távora esteve cinco dias preso no quartel do 25.º B.C., recolhido a uma sala de sentinela à vista e sob a vigilância de um oficial.

A família do Major Costa Araújo guarda como preciosa relíquia o lenço vermelho que o Capitão Juarez Távora trazia ao pescoço (Dr. Asdrúbal Martins e Sra. Angélica Costa Araújo Martins, residentes em Teresina).

A principal investida dos rebeldes sobre a capital piauiense verificou-se na noite de 31 de dezembro para 1 de janeiro, com violento tiroteio de metralhadoras e fuzis a noite inteira.

Este ataque cobria a retirada da "Coluna Prestes". Os revoltosos já tinham reconhecido a superioridade das forças de defesa da cidade e o grosso de suas tropas tomava

o rumo do Ceará (Campo Maior — Alto Longá — Pedro II e Cratêus) para internar-se no sertão do Nordeste.

Mas, nas suas contramarchas, os revolucionários ainda voltaram ao sul do Piauí (Paulista — hoje Paulistana —, Jaicós, Picos, Oeiras e São Raimundo Nonato) com destino a Goiás e Mato Grosso e às nossas fronteiras da Bolívia ("Memórias de um Revolucionário" — João Alberto Lins de Barros — págs. 132 e 135).

Neste movimento o Destacamento Ari Salgado ocupou pela segunda vez a cidade de Floriano e o Destacamento João Alberto a cidade de Amarante ("Vida de Luís Carlos Prestes" — pág. 169 — Jorge Amado — Ed. Livraria Martins).

Nos primeiros dias do sítio, a população teresinense abandonou a capital e refugiou-se nas cidades vizinhas. Ainda, à uma hora da tarde de 1 de janeiro, partia um vapor da Flotilha rebocando barcas e conduzindo mais de cinquenta famílias em retirada ("O Piauí", 9-5-1926 — A Tática dos Revoltosos — Higinio Cunha).

O abastecimento das forças legais — cerca de 3.600 homens — em víveres e munição, fazia-se pelo Porto de S. Luís e Estrada de Ferro S. Luís — Teresina.

Tudo vinha do Sul: o charque, o feijão, o arroz, a batata inglesa, a bolacha-intendência, o sal e a forragem.

A ração de campanha do Exército é estimada em calorias pelo Serviço de Saúde, mas a tropa jocosamente traduzia a sigla FONR: "farinha e osso e não reclame".

Temia-se um colapso dos transportes no inverno com as chuvas e a elevação do nível dos rios. E, quando os revolucionários já se haviam afastado de Teresina, veio a maior cheia conhecida do Parnaíba e do Itapecuru, em janeiro de 1926, interrompendo o tráfego da linha férrea: as águas do Parnaíba avançaram mais de 100 metros do leito, chegando à altura da fundição, na Praça Marechal

Deodoro. Ainda permanecia em Teresina a 1.^a Companhia do 24.^o B. C. do Maranhão, que regressou a São Luís via Parnaíba pelo vapor "Europa", o qual saiu de Flores às 20 horas de 30 de março e chegou a Parnaíba às 18 horas do dia seguinte, mais à força da correnteza das águas do que de suas máquinas (o tráfego da E.F.S.L.T. continuava interrompido).

O 25.^o B. C. e outras unidades de tropa prosseguiram a campanha contra a "Coluna Prestes" nos sertões dos Estados do Piauí, Ceará e Bahia em penosas caminhadas sob chuvas, através dos vales inundados, ou castigados pelo sol ardente da caatinga.

Somente a 9 de agosto de 1926, o 25.^o B. C. estava de volta a Teresina, após 7 meses de expedição no interior do Brasil (o Autor, aspirante a oficial, a 7 de abril apresentou-se ao 25.^o B. C. em Jacobina, Bahia). Foi esta a mais longa campanha do Batalhão piauiense do Exército.

COMENTÁRIOS DO AUTOR

Reestruturação da Divisão Revolucionária — Bol. n.º 14, de 10/6/925, do Comando da Divisão Revolucionária. Narra Juarez Távora:

— "A 4 de junho (1925) a Divisão ocupou a Vila Jaguari, situada a oito léguas a nordeste da cidade de Campo Grande, onde estacionou durante vinte e quatro horas".

"Foi decidido, então, refundir-se a organização da Divisão em 4 Destacamentos, cada um deles formado de soldados gaúchos e paulistas, e comandados: o 1.^o, pelo Tenente-Coronel Osvaldo Cordeiro de Farias, constituído pelo 1.^o Batalhão Ferroviário e a maioria dos elementos do Batalhão Virgílio Santos, que passou a ser seu subcomandante; o 2.^o, pelo Tenente-Coronel João Alberto, constituído pelo 2.^o Regimento de Cavalaria Independen-

te e a maioria dos elementos do Batalhão Major Manuel Lira, que passou a subcomandá-lo; o 3.º, sob o comando do Tenente-Coronel Siqueira Campos, constituído pelo 3.º R.C.I. e elementos do Batalhão Major Lira, sendo seu subcomandante o Major Trifino Correia; e o 4.º, sob o comando do Tenente-Coronel Djalma Dutra, integrado pelos Esquadrões do Capitão Jorge Danton e Major Ari Salgado Freire, e elementos restantes do Batalhão Virgílio Santos, sendo subcomandado pelo Major Ari Salgado Freire”.

“O Estado-Maior da Divisão ficou constituído pelo Coronel Luís Carlos Prestes, como chefe; Tenente-Coronel Juarez Távora, como subchefe; Major Paulo Kruger e Capitão Geri Alda como assistentes, e Capitão Lourenço Moreira Lima, como ajudante — secretário” (“Uma Vida e Muitas Lutas” — Juarez Távora).

— Foi esta a Divisão Revolucionária que invadiu os Estados do Piauí e Maranhão: Unidades de Infantaria, Cavalaria e Engenharia do Exército e da Polícia de São Paulo, e guerrilheiros gaúchos.

Parte das forças do Rio Grande do Sul havia-se afastado da luta e a artilharia da Coluna — uma bateria de 75mm — fora abandonada na fazenda Jacaré (sul de Mato Grosso).

Conta João Alberto:

— “Quando chegamos a Barracão — à margem esquerda do rio Uruguai, fronteira com a Argentina — houve uma deserção enorme. Quase mil homens abandonam a luta, passando para o estrangeiro. Assistimos aquela bandada com mágoa, mas sem revolta. Não fugiam. Despediam-se de nós, como se aquilo fosse coisa muito natural. A Coluna sofria resignada sua primeira grande provação. Se conseguíssemos resistir sem desânimo aquele êxodo, poderíamos olhar confiantemente para o futuro. Os que ficassem estariam dispostos a ir até o fim” (“Memórias de um Revolucionário”, pág. 67).

E, ainda, relata Juarez Távora:

“A Vanguarda Revolucionária atingiu a Fazenda Jacaré no dia 1 de maio (1925). O grosso aí estaria concentrado dois dias depois, encabeçado pelo Batalhão Lira, da Brigada de S. Paulo. A artilharia, entretanto, apesar de ajudada pela Cavalaria do Major Ari Freire, atrasou-se consideravelmente, devido às dificuldades de travessia de ribeirões e de atoleiros que exigiram a tração a bois, com auxílio do Esquadrão de Cavalaria.

“Em face desse atraso, que já alongara perigosamente o dispositivo de marcha da Divisão, mandou o General Miguel Costa ordem ao Capitão Holl (Henrique Ricardo Holl) para que abandonasse a Artilharia, onde se encontrasse, e, incorporado ao Esquadrão Ari Freire, acelerasse sua marcha, a fim de ultrapassar o rio Igaratami, até o anoitecer de 10, coberto pelo Batalhão Lira, que aí permaneceria, como flanco-guarda, até à madrugada de 11” (“Uma Vida e Muitas Lutas”, pág. 179).

TRAVESSIA DO PARNAÍBA PELA COLUNA PRESTES

A travessia do rio Parnaíba à altura de Teresina pela "Coluna Prestes" foi a operação militar mais importante da Divisão Revolucionária nos Estados do Piauí e Maranhão.

A respeito do assunto escreve Juarez Távora, em "Uma Vida e Muitas Lutas":

"Na manhã de 30, enviei a Prestes a seguinte informação, sobre pontos de travessia dos elementos que ele comandava no Maranhão, para a margem piauiense onde deveria reunir-se todo o grosso revolucionário":

"Angelim, 30-12-1925, às 7 horas.

Prestes.

Acabo de receber sua ligação.

Mando-lhe um croqui deste e do outro lado do Parnaíba, com as distâncias em quilômetros, ou em léguas.

Os pontos para passagem de tropa são: 1.º São João — Cana Brava, daqui a 7,5 km, onde há três pequenas canoas; 2.º Varjota — Nazária, daqui a 5 léguas, onde há duas canoas regulares; 3.º Santo Antônio, daqui a 8 léguas, onde há uma ótima chalana.

Com esse dispositivo, penso que a travessia pode assim ser determinada:

1) Laducci deixará uma patrulha avançada de cavalaria em Glória, sob o comando de Nicácio, para vigiar Flores, e descera, com o resto do pessoal do Bernardino, para Nova Olinda, onde ajudará a guarda de Olaria, com uma metralhadora a barrar o rio.

2) Os doentes, feridos e cargueiros, que estão no Maranhão, passarão, ainda hoje, para o Piauí, no porto São João — Cana Brava, onde há três canoas, e para onde seguiram ontem os cargueiros e feridos do João Alberto e de Dutra.

3) Você encaminhará a tropa de Cordeiro e de Siqueira para Varjota — Nazária, ou Santo Antônio, mandando, se julgar melhor, descer a chalana de Santo Antônio, para Nazária.

4) Aqui, a situação permanece a mesma. Esta noite, nosso pessoal atacou, novamente, em simples demonstração, as trincheiras de Teresina.

5) Recebi do General Miguel a ligação que lhe envio junta. João Alberto determinou ao Coronel Favorino que guarde Natal, onde se encontra.

6) Esperamos sua vinda para Gameleira ou São João, onde poderemos conversar muitas coisas.

Távora".

"P.S. O porto de Nazária é bem melhor que o de Santo Antônio".

* * *

— A prisão do Capitão Juarez Távora, no Angelim, é um acontecimento desta travessia:

"Por volta de 8 horas da manhã (do dia 31), uma lancha governista, vinda de Teresina, apoderou-se de uma

canoa mantida na região de Caieiras, para ligação com o posto revolucionário, estabelecido em ponto fronteiro da margem maranhense.

Era essa a terceira vez que essa embarcação governista perturbava impunemente nossas ligações com a outra margem do Parnaíba, apoderando-se de canoas que nos faziam falta, não só para a ligação de emergência, como para acelerar a transposição, para a margem piauiense, dos elementos comandados por Prestes na margem maranhense do rio. Irritado com essas incursões reiteradas da lancha governista, decidi armar-lhe uma emboscada logo abaixo de Caieiras a fim de aprisioná-la em caso de volta àquele local" ("Uma Vida e Muitas Lutas" — Juarez Távora).

E, para cobertura da travessia, a grande investida dos revolucionários fazia-se nas trincheiras de São Pedro — Setor Sul — entre a estrada Natal — Teresina e o rio Parnaíba, tenazmente defendidas pela 1.^a Companhia do 25.^o B.C., comandada pelo 2.^o Tenente Almir Campelo, e pela Companhia de Metralhadoras, do Comando do 1.^o Tenente Cristóvão Falcão Castelo Branco (A Legendaria Trincheira de São Pedro — Boletim n.^o 11, do Coronel Gustavo Beuttmüller, Comandante do Destacamento de Defesa dos Estados do Piauí e Maranhão).

* * *

Ainda cabe um comentário militar sobre a invasão do Piauí pela "Coluna Prestes".

A Divisão Miguel Costa, procedente de Mato Grosso, atingiu o norte de Goiás impelida pelas forças governistas.

Narra Juarez Távora em "Uma Vida e Muitas Lutas": "Nas proximidades desta última cidade (Taguatinga), elementos do Destacamento Siqueira Campos chocaram-se com patrulhas de um batalhão da Polícia goiana, que ocupava a cidade, sendo este o único recontro havido no

norte de Goiás. A Divisão descansou em Palmas durante cinco dias, à espera da reincorporação dessas duas flanco-guardas, seguindo no dia 12 (setembro) para Porto Nacional, na margem direita do Tocantins, onde acantonou, durante oito dias".

.....
"Deixando Porto Nacional a 26, a Divisão, sempre margeando o Tocantins, atingiu a 27 o povoado de Ibiabanha".

.....
"Lá chegamos (em Pedro Afonso) na manhã do dia 31, já encontrando a vila ocupada por elementos da vanguarda da Divisão".

.....
"A 13 de novembro, acompanhei o Destacamento Cordeiro de Farias, que iniciava a penetração em território maranhense, como flanco-guarda esquerda da Divisão, devendo cobri-la a partir do dia 15, em Carolina, contra incursões de tropas governistas, vindas do Pará pelo rio Tocantins".

Conclui-se destas transcrições do livro de Juarez Távora que a Divisão Miguel Costa, tendo no seu encalço as forças governistas do Sul e outras oriundas do Pará, para fugir à selva amazônica, não tinha outra alternativa senão descer o Vale do Parnaíba rumo aos Estados do Nordeste.

ANOTAÇÕES

Carta do Capitão Juarez Távora ("A Coluna Prestes" — Lourenço Moreira Lima — Editora Brasiliense — São Paulo, 1945).

Teresina, 1 de janeiro de 1926.
Prestes.

Aqui estou, desde ontem pela manhã, como prisioneiro. Recebendo logo após a minha chegada uma honrosa visita de Sua Exa. o Sr. Bispo do Piauí, D. Severino Vieira de Melo, abordou-se, em palestra, a idéia de um entendimento para evitar, se possível, o transe amargo que ameaça a população inócfesa de Teresina.

Contrariando, embora, o meu interesse pessoal, naturalmente propenso a anelar por uma tentativa de libertação, eu prefiro abdicar dessa satisfação em benefício do povo deste recanto do meu país.

Ademais, de acordo com as informações colhidas em quatro reconhecimentos ofensivos, levados a efeito sobre os entrincheiramentos da cidade e cujo resumo lhe remeti anteontem, a conquista de Teresina custaria vidas preciosas à Revolução e ao Brasil, e cujas perdas bastariam, por si sós, para sombrear os louros da vitória, porventura alcançados.

Nestas condições, eu penso que, de acordo com o General Miguel e os comandantes de destacamentos, você faria um ato de generosidade — talvez proveitoso à causa que ambos defendemos — desistindo do ataque à cidade, caso o haja decidido diante das informações que anteriormente lhe remeti.

De qualquer forma, valeria a pena suspender o assalto à capital até novo entendimento com o comandante das forças que a defendem, Coronel Gustavo Beuttmüller.

Este, embora sem competência para estabelecer um armistício, manter-se-ia em suas posições até receber uma resposta sua a esta carta.

Creio que nenhum mal resultará para o governo, ou para a Revolução, esse leal entendimento. Por isso, preso e impossibilitado de emprestar ao nosso país o auxílio de combatente no campo da luta que me tem apontado a consciência, procuro, na tristeza da minha impotência de

prisioneiro, prestar-lhe o serviço pequeno, mas sincero, de minha palavra franca, mas desautorizada.

Entrego ao seu patriotismo e dos nossos queridos companheiros o deferimento desta petição, sem poder adiantar qualquer coisa sobre as conseqüências que ele poderá ter.

Sem outro motivo, seu companheiro de todos os tranSES.

Juarez TávorA.

* * *

Carta do Capitão Luís Carlos Prestes ("A Coluna Prestes" — Lourenço Moreira Lima).

Acantonamento na Vila Natal, 4 de janeiro de 1926.

Meu caro Juarez.

Só ontem, à noite, recebi tua carta de 1 do corrente, da qual foi portador Sua Exa. o Sr. Bispo Dom Severino Vieira de Melo.

É a tua carta mais uma prova de que colocas o bem-estar do povo e a tranqüilidade das famílias acima de teus interesses, continuando a dedicar, mesmo preso, todas as tuas energias e toda a tua inteligência à felicidade de nossa Pátria.

Sabes perfeitamente que a nossa campanha tem sido sempre encaminhada de maneira a poupar o mais possível a vida dos nossos patrícios, limitando-nos a conduta, quando as necessidades da vitória nos impõem esse meio de ação.

Assim, tendo consultado o General Miguel e os comandantes de destacamentos a respeito do teu pedido, resolvemos suspender o ataque a Teresina, até que tenhas outro entendimento com o comandante dessa força, Coronel Gustavo Beuttmüller, desde que ele se mantenha, como prometeu, dentro de suas posições atuais e não procure perturbar a tranqüilidade das regiões que estamos domi-

nando no Estado, regiões essas que, como sabes, abrangem quase a totalidade de seu território.

Percebemos que com esta nossa primeira concessão os nossos adversários ficarão, dia a dia, mais fortes; mas, tudo sacrificamos pela tranquilidade da família teresinense, certos de que igualmente por esta tranquilidade, o governo não se oporá à tua liberdade e volta ao nosso meio.

Poderá assim ser satisfeito o pedido da população indefesa de Teresina, feito por teu intermédio e pelo zelo apostólico de Sua Exa. o Sr. Bispo Dom Severino Vieira de Melo, que esteve pessoalmente em nosso acantonamento.

L. C. Prestes.

— O Bispo Dom Severino e o seu secretário, padre Cristiano Santos, dirigiram-se a cavalo de Teresina para Natal (62 quilômetros), onde se hospedaram na casa do vigário, um sacerdote alemão.

A carta foi entregue ao Capitão Carlos Prestes na tarde do dia três. No dia seguinte, pela manhã, após a missa celebrada na matriz, Dom Severino recebeu a visita de Miguel Costa, Carlos Prestes, Cordeiro de Farias e Lourenço Lima. A entrevista foi demorada, conformando-se o parlamentar de Teresina em ser portador da carta-resposta de Prestes a Juarez, sem uma afirmativa e com certo sigilo, como convinha ao comando revolucionário ("A Coluna Prestes" — Lourenço Moreira Lima).

* * *

"O Libertador" — Órgão da Revolução — Redatores: Drs. José D. P. Machado, Lourenço Moreira Lima e Manuel Macedo — N.º 8 — Floriano, 24 de dezembro de 1925.

O Q. G. demorou cerca de oito dias em Floriano: "Aí encontramos o Dr. Cavalcante (Dr. Gonçalo Cavalcante),

Juiz de Direito da Comarca, e dono do jornal "Floriano", em cuja tipografia imprimimos um número d'"O Libertador" ("A Coluna Prestes" — Lourenço Moreira Lima — página 219).

* * *

Baixas da Coluna Prestes

Durante o ataque feito a Teresina, perdemos três homens e tivemos dez feridos.

Entre os primeiros destacaram-se o Tenente Vidoca, do Destacamento João Alberto, vitimado quando transpunha heroicamente uma trincheira inimiga, e o sargento Paulo Barros, do Destacamento Dutra, que se portou com valentia notável.

Em Flores, perdemos o Capitão Hildebrando de Oliveira, do Destacamento Cordeiro, que também viera do Rio Grande, trazendo um núcleo regular de amigos para a Revolução, e que caiu morto ao avançar sobre uma trincheira adversária ("A Coluna Prestes" — Lourenço Moreira Lima).

* * *

A Tática dos Revoltosos — "Estado do Piauí" — Teresina, 9 de maio de 1926.

"Circulavam os boatos mais assustadores sobre o arrasamento da cidade ou a entrega dela aos invasores..." (A Tática dos Revoltosos — Higinio Cunha).

* * *

Prisão do Capitão Juarez Távora — Boletim n.º 1, de 1 de janeiro de 1926 —, do comando do Destacamento de Defesa do Estado do Piauí.

"Captura de oficial desertor — Por uma patrulha de 118 homens, lançada de ordem deste comando, pelo Comandante do 1.º Quartelão Leste, e comandada pelo Major Antônio da Costa Araújo Filho, tendo como subalternos

os segundos-tenentes em comissão Tobias de Sousa Revedo e Miguel Alves Figueira, foi capturado, em renhido combate, no lugar denominado Angelim, a 72 quilômetros sul desta cidade, o capitão desertor do Exército, Juarez Fernandes Távora, que foi recolhido preso ao Estado-Maior do 25.º B.C., onde permanecerá incomunicável à disposição da autoridade competente, ficando considerado encostado a este Q. G. para efeito de arraçoamento”.

BIBLIOGRAFIA

Consultei os livros escritos pelos revolucionários da Coluna Prestes:

- **A Guisa de Depoimento** — Juarez Távora.
- **A Coluna Prestes** — Editora Brasiliense, 1945. — Lourenço Moreira Lima.
- **Memórias de um Revolucionário** — Ed. Civilização Brasileira, 1954 — João Alberto Lins de Barros.
- **O Cavaleiro da Esperança** — Ed. Vitória — 2.ª edição, 1956 — Jorge Amado.
- **A Vida de um Revolucionário** — Ed. Melso Soc. Anônima, 1957 — Agildo Barata.
- **A Revolução de 5 de julho de 1924** — Imprensa do Exército — SMG — 1962. — Castro Afilhado e Barros Falcão.
- **A Grande Marcha** — Ed. Civilização Brasileira — 2.ª ed., 1971 — Hélio Silva.

- **Uma Vida e Muitas Lutas** (1.º e 2.º volumes) — Livraria José Olímpio Editora, 1974 — Juarez Távora.
- **Soldados de Tiradentes** — Editora Artenova, 1975 — Celso Pinheiro Filho e Lina Celso Pinheiro (Relatório do Capitão-Tenente Humberto de Arêa Leão, Comandante da Flotilha do Rio Parnaíba, em 1925-1926).

Mas estes autores apenas registram a presença da "Coluna Prestes" no Piauí, e um que outro comentário.

Ofereci à Casa Anísio Brito a documentação (um volume). As obras citadas foram doadas à Academia Piauiense de Letras.

PUBLICAÇÕES CONSULTADAS

A Coluna Prestes no Piauí

- A Tática dos Revoltosos — Higinio Cunha — "O Piauí", de 9 de maio de 1926.
- O Piauí, "alma mater" da Resistência Legal no Extremo Norte — Entrevista do Major Antônio da Costa Araújo Filho ao **Diário de Bagé** — "O Piauí", de 6 de maio de 1926.
- Jornal "O Piauí" — coleção de 1925: — 19/11; 21/11; 28/11; 11/12; 12/12; 13/12; 20/12; e 29/12.
- Os Revolucionários do Sul através dos Sertões Nordesteiros — Higinio Cunha.

O Levante de 4 de Outubro de 1930

- Ação Revolucionária no Piauí — Editorial — "O Piauí", de 7 de outubro de 1930.
- O Piauí na Revolução de 1930 — "O Piauí", de 13 e 14 de dezembro de 1930 — Prof. Martins Napoleão.

- Pobre Gente e Gente Ruim — Des. Vaz da Costa — “A Liberdade”, de 12 de março de 1931.
- O Meu Prêmio — Des. Vaz da Costa — “A Liberdade”, de 3 de janeiro de 1932.
- Os Meus Serviços — Des. Vaz da Costa — “A Liberdade”, de 17 de janeiro de 1932.
- A Confissão do Chinó — Des. Vaz da Costa — “A Liberdade”, de 30 de maio e 4 de junho de 1932.
- Um Chinó Fardado — Des. Vaz da Costa — “A Liberdade”, de 26 de junho de 1932.
- Carta ao Sr. Vaz da Costa — Major Samuel Castelo Branco — “Estado do Piauí”, de 16 de janeiro de 1932.
- A Revolução no Piauí — Tenente Azevedo — “Estado do Piauí”, de 21 de junho de 1932.
- Carta Aberta ao Sr. Vaz da Costa — Tenente Azevedo — “Estado do Piauí”, de 2 de julho de 1932.

O Levante de 29 de Janeiro de 1931

- Mudança do Governo — Editorial — Diário Oficial, de 31 de janeiro de 1931.
- Deposição do Interventor Humberto de Arêa Leão — Editorial — “A Liberdade”, de 1 de fevereiro de 1931.
- Juízo Federal — Habeas-Corpus — Dr. Pedro Borges — “Diário Oficial”, de 4 de fevereiro de 1931.

O Levante de 3 para 4 de Junho de 1931

- Acontecimentos de 3 para 4 de junho — Noticiário — “Estado do Piauí”, de 6 de junho de 1931.

- Pormenores sobre o Levante de quarta-feira — Noticiário — “Estado do Piauí”, de 7 de junho de 1931.
- Ainda os Acontecimentos dos dias 3 e 4 — “Estado do Piauí”, de 9 de junho de 1931.
- Ofício do Interventor Federal no Piauí — 1.º Tenente Landri Sales Gonçalves ao Comandante da Força Pública — “Diário Oficial”, de 6 de junho de 1931.
- Ofício do Interventor Federal no Piauí — 1.º Tenente Landri Sales Gonçalves ao Comandante do 25.º B.C. — “Diário Oficial”, de 9 de junho de 1931.
- Carta do Major Sebastião Rabelo Leite, Comandante do 25.º B.C. — “O Globo”, de 8 de julho de 1931.
- O Levante Militar de 3 para 4 de junho de 1931 — Higino Cunha — “Estado do Piauí”, de 16 de janeiro de 1932.
- O Levante de junho — Des. Vaz da Costa — “A Liberdade”, de 7 de fevereiro de 1932.
- O Dr. Pedro Conde no Levante de junho — Des. Vaz da Costa — “A Liberdade”, de 9 de março de 1932.